SUMÁRIO

29/04/2015 1
06/05/2015 4
13/05/2015 6
20/05/2015 8
27/05/2015 14
03/06/2015 18
10/06/2015 22
17/06/2015 28
24/06/2015 30
01/07/2015 43
08/07/2015 47
29/07/2015 50
05/08/2015 58
17/08/2015 60
24/08/2015 62
26/08/2015 69
31/08/2015 73
02/09/2015 78
10/09/2015 79
23/09/2015 85
28/09/2015 85
Registros das respostas aos questionários sobre Intervenção 90

29/04/2015

Observações Aulas – Aristóbulo Barbosa Leão – Serra, ES

Staff da escola: Conceição pedagoga, Elaine coordenadora, Claiton coordenador, Fátima coordenadora e Denilsa cuidadora.

Chegada na escola: apresentação gentil e *staff* aberto e simpático.

Aula 1: 7:50 - 8:40 – Turma 15

7:50: Alunos entram na sala ambientada para as aulas de inglês – Arejada e bem equipada com data show, aparelhagem de som, livros didáticos à disposição dos alunos (eles têm seus livros, mas geralmente os deixam em casa, então, os livros disponíveis em sala são uma forma de garantir que os alunos consigam acompanhar as aulas uma vez que o conteúdo trabalhado nas mesmas se baseia no livro).

Aula em PPT: sempre assim? Depois percebo que o conteúdo dos slides é exatamente o mesmo do livro, mas recortado para a atividade que o professor deseja trabalhar.

Alguns alunos entram na sala de aula carregando telas pintadas por eles com tinta guache (Samuel e Helder) e seguem pintando. As telas eram parte da aula de história e esses alunos pareciam bastante entretidos ao pintá-la.

O professor começa a aula com "*Good morning*" e uma aluna o interrompe perguntando sobre as notas. A mesma aluna usa o celular durante a aula. O professor diz que "agora que chegou papel na escola, já podemos ter prova". E assim, segue dando instruções para a avaliação e a prova.

3 alunos levantam e circulam pela sala.

Os dois alunos que pintam conseguem acompanhar a aula e responder ao professor, que, a essa altura, está revisando o vocabulário estudado na aula anterior. O vocabulário revisado será usado na atividade de *listening* que seguirá.

Voc: *social network addiction, online, phishing scam, worms, viruses, file, media, blogger, web designer, webmaster, beware, password.*

Enquanto revisa as palavras/termos, muitos alunos ainda conversam paralelamente – alguns copiam – os dois continuam pintando .

Mais palavras: *software, firewall, attachment...*

O professor parece estar dando aula somente para poucos alunos, (os que se sentam mais na frente, nas fileiras da frente, embora existam alunos nas primeiras fileiras que não estão prestando atenção) mas, alguns alunos que parecem dispersos respondem também, especialmente quando o professor ilustra a palavra *THEFT* com o nome do jogo online/videogame GTA (*Grand Theft Auto*).

O professor chama Samuel (um dos meninos que estava pintando) para sentar na frente, mas ele vai e volta.

Listening: livro página...

Um grupo de meninas não para de conversar também... Samuel me diz "Bonzinho ele, né? Tem moral não...".

Penso no limite (ou na linha tênue) que não se pode perceber ali entre permitir que as subjetividades dos alunos sejam respeitadas e afloradas em sala x o respeito pela figura e pela fala do professor – O que está sendo ensinado ali?

Os alunos estão expostos a 4-5 recursos principais (livro, PPT, Professor (fala), quadro, som) – mas o PPT reproduz o livro!! E os alunos copiam o que já está no livro!

Atividade de *Listening* interrompida pelo sinal para o recreio: talvez a revisão tenha sido muito demorada pois professor explicava tudo de novo...

Os alunos reorganizam as carteiras e saem da sala.

Aula 2: 10:20 - 11:10 – Turma 12

10:20 - 10:23: professor aguarda mais alunos chegarem do recreio, depois retoma a revisão do Voc da aula passada.

Grupos de conversa paralela – livros fechados e matéria no quadro e PPT. Alunos levantam, circulam e conversam enquanto o professor explica/fala.

Essa turma parece ser mais silenciosa, mas ainda bem dispersa. 2 alunos dormem, 3-4 grupos desligados, conversando paralelamente. As 10:40 há 13 alunos completamente dispersos. Penso que talvez um jogo com as palavras ou uma atividade em grupos pudesse envolver mais os alunos ao contrário da lista de palavras expostas no PPT.

Listening: alunos corrigem o professor sobre o ponto da atividade em que ele parou na aula anterior. Ele segue de onde os alunos apontam.

Apesar dos livros estarem nas carteiras, há alunos sem livros. Alguns grupos conversam sem parar!! Não há interrupção da conversa, não há sinais de que esses alunos estão acompanhando a fala do professor ao mesmo tempo em que conversam...

A atividade é feita sem discussão dos dados da pesquisa (a pesquisa à qual o texto do *listening* se refere), ou seja, o conteúdo da atividade não foi trabalhado e nem discutido (ainda...). O texto dizia que "10% dos pesquisados compartilham seus nomes completos nas redes sociais das quais fazem parte", e esse dado poderia ser fonte de discussão e reflexão (Letramento critico).

Alunos pouco estimulados e engajados – no PPT não havia imagens, somente texto escrito.

06/05/2015

No Hall da escada encontro Samuel, menino da T-15 que pintava na aula passada. Cumprimento-o e ele me reconhece. Pergunto como foi a aula (ele estava saindo da aula de inglês) e ele diz que foi "igual" e que o professor, como sempre, "não tem moral". Pergunto o que é ser "sem moral" e ele me diz que é que "o professor deixa a conversa e a bagunça rolar solta". Depois pergunto sobre as outras aulas (outras disciplinas) e ele diz que "nas outras é diferente. Os professores têm moral, tipo em Filosofia, o professor fala de ética" e com isso coloca limites. Digo que talvez a "ética" do professor de inglês seja "dar aula para quem quer aprender" ou seja, falar para quem está disposto a ouvir e ele concorda. Por fim, diz que gosta da aula e do professor de inglês e que tirou 9,0 na atividade avaliativa (diferente da prova) dizendo que a matéria era fácil e que quando o professor pronuncia as palavras fica mais fácil aprender a língua. Termina a conversa elogiando o professor.

Aula 3 – Turma 12

Enquanto os alunos entram na sala o professor termina de corrigir as atividades avaliativas.

10:19: Ainda há alunos entrando na sala, alguns de pé, conversando, algumas duplas já se formam. Há uma aluna com os pés na carteira e outra aluna entrega a atividade corrigida para os colegas.

10:22: O professor levanta e tenta começar a aula dizendo que a menina está entregando. Diz que vai corrigir a atividade que valia 10 pontos – muito barulho, muitos alunos conversando. Professor fecha a porta.

A menina com pés na carteira fala que essa foi sua primeira nota alta no ano "Primeira nota azul" e grita de felicidade "Uhuuuu" (bem alto). Ela vai tirar uma dúvida com o professor.

10:26: Professor inicia o PPT mas leva um tempo para combater a ameaça de vírus a seu computador.

10:28: Começa a revisão da prova de terça que vem pela correção da atividade avaliativa. Uma aluna interrompe para corrigir um erro de sua atividade.

Alunos conversam no fundo da sala, mas a turma parece mais quieta e atenta hoje.

Para a atividade avaliativa o professor usou imagens e pedia que os alunos escrevessem em inglês o termo que representava a mesma (MULTIMODALIDADE??) .

Uma menina sentada no grupo da conversa fala: “sábado vou furar minha língua”. A amiga responde: “Vai ficar horrível! Já é da favela”... (com um furo então parecerá mais favelada ainda – é o subtexto).

O professor pede para os alunos estudarem o Voc. da atividade para a prova e inicia a revisão da gramática: modo imperativo e formas do presente (simples e continuo). O prof. pede para um aluno se calar. João é repreendido novamente.

A menina senta direito e passa a prestar atenção na fala do professor. Até pergunta se há duas respostas para a questão (e há!)

PPT mais atraente hoje, mais colorido e com mais realce. *Do’s* e *Don’ts* na escola – ESSA SERIA UMA BOA OPORTUNIDADE PARA DISCUTIR O COMPORTAMENTO DOS ALUNOS

Grupo do fundo continua conversando sem acompanhar a aula. Alguns outros não conversam, mas também não se mostram engajados. Uma menina lê e ouve música.

2º. Ponto de gramática revisado: presente continuo. O prof. usa verbos aleatórios (*study, dance, swim*), que não representam tanto para os alunos naquele dado momento. Talvez, se escolhesse verbos que representassem o que os alunos faziam no momento da revisão (*talk, pay attention, annoy, disturb, misbehave*) poderia chamar sua atenção e engaja-los mais na aula

A menina sentada na minha frente diz: “você anota tudo o que acontece na aula? Viu que desastre?”. Pergunto se é sempre daquele jeito e seu colega, sentado ao seu lado diz que em todas as aulas há conversa paralela, mas em algumas POUCAS não há porque os professores não toleram. Para ele “o melhor professor é aquele que sabe muito e não tolera conversa”, faz ate os alunos se sentirem humilhados dizendo “O cara é arrogante, mas ele consegue dar aula e controlar a turma. “Já mandou uma turma inteira pra fora de sala”.

A menina diz que Biologia é a melhor aula porque ela adora a matéria, se interessa.

13/05/2015

Aula 5 – Turma 12

10:19: Alunos chegam e recebem as notas de trimestre

Alguns alunos saem da sala de aula porque estão liberados da aula que será somente para os que estão de recuperação. Essa aula será uma revisão para a avaliação. **Ao saírem da sala, alguns alunos pisam nas carteiras, andando sobre elas.**

10:23: Enquanto isso, analiso o livro didático. Todas as instruções e atividades estão em inglês. Os temas são relevantes/interessantes pois versam sobre a realidade dos alunos fora da escola (their lifeworlds). Ha bastante texto nas unidades – muitas atividades também! Dificilmente o professor da conta de tudo!!

10:32: Começa a revisão. Uma aluna não fez prova e outra não conseguiu nota porque o professor não encontrou sua prova.

Alunos de outras turmas entram para saber suas notas. Uma aluna fala: "Professor, tirei 9,0 na prova!!" Prof. Responde: "Nove mais quatro = 13" Aluna: "Puxa, se eu tivesse feito a prova!!!"

Professor usa o quadro para revisar a matéria. Usa caneta veremlha e ela é pouco legível. Revisa a gramática: presente continuo e Presente simples.

Lista de e-mail para passar a matéria por e-mail para os alunos estudarem em casa. Alunos devem responder para sanar dúvidas.

Aluna: "Professor, você vai passar a prova por e-mail?"

Prof: "Não tem papel na escola"

Aluna: "Papel tem, mas não tem toner"

Revisão vocabulário: atividade internet

O professor retoma a revisão da gramática: agora usa caneta preta (bem melhor!!). Pergunta se eles lembram do tempo verbal e quando se usa. Uma aluna responde.

Dessa vez o professor usa um exemplo mais próximo da realidade dizendo: eu estou dando aula – vocês estão estudando. Escreve no quadro as pessoas (I, He, she, we, you, they) e revisa o verbo to be. Passa a usar outros verbos, menos relacionados ao momento (*dance, run, eat, work*) para exemplificar as terminações com o acréscimo do –ing.

Alunos bem focados: somente 4 assistem aula

Presente simples: rotinas, hábitos, fatos... Alunos ouvem bem, prestam atenção – será que conseguiriam responder e falar mais?? O professor poderia eliciar mais deles??

Escreve as pessoas no quadro (I, He, she, we, you, they) e usa verbos variados (study, dance, GO, play, work) para exemplificar as terminações com acréscimo do –s.

Imperativo: sugestões, aviso, recomendação, instruções, ordens

Study for the test. Beware of the dog. Put the Rice in the cooker. (exemplos um pouco descontextualizados Tb)

O professor diz que na prova, as questões de vocabulário serão feitas por cruzadinhas...

Termina a aula dizendo: "Se Deus quiser, todos recuperarão a nota! Um abraço, bom fim de semana!"

20/05/2015

Observação ABL

I. Conversa sobre a pesquisa e assinatura do termo de consentimento.

II. Gravação de conversa com o professor sobre suas expectativas quanto à pesquisa e comentários gerais sobre sua pratica

P: Primeiro W, queria que você me dissesse, né... não sei se você já pensou em alguma coisa com relação a essa experiência, essa pesquisa, se pelo tema que já te passei você já inferiu alguma questão, assim, já... o que você espera, você tem alguma expectativa com relação a esse trabalho?

PR: Bom, a gente sempre tem né... quando a gente conclui uma pesquisa é melhorar a nossa pratica, né... então, já pensei em relação a isso, tem muito a ver com Letramento Critico né... que é uma questão que hoje está em evidencia né, que é realmente importante né porque os meninos precisam realmente, os alunos precisam realmente de conscientização a respeito do que eles estão produzindo, enfim, lendo, escrevendo a respeito, então, estou pensando basicamente nesse sentido né... que eu possa entender sobre Letramento Critico e que eu possa passar isso pros meus alunos para que, assim, eles possam entender, para que possa ser efetivo pra eles...

P: Sim, porque você acha que na prática, você ainda não consegue colocar as teorias do Letramento em...

PR: Algumas coisas sim, mas, assim, honestamente, eu li muito pouco a respeito, pela questão da carga horária de trabalho...

P: ... de oportunidade também, né...

PR: no próprio mestrado né, eu vi alguma coisa, na disciplina que eu fiz como aluno especial, vi alguma coisinha... já comecei a pesquisar alguma coisa... no Ecopli também... mas, assim, não fui realmente a finco pra saber de modo mais especifico, então... foi uma coisa mais superficial, e o próprio livro tem Tb alguma coisinha sobre LC, então, assim, dá pra explorar mas é uma coisa inicial, até porque superficial... até porque os meninos tem umas certas deficiências mesmo

P: sim...

PR: na língua mãe, e basicamente, no próprio inglês... então, assim, a gente tem que voltar lá do básico...

P: você acha então que por me conhecer e saber que eu trato desse tema a pesquisa ficou mais atraente, assim, pra você...

P: ah, com certeza!

PR: se chegasse aqui um outro pesquisador com um tema completamente diferente ou que não fosse tão interessante pra você...

PR: é... talvez eu não ficaria tão empolgado, né, enfim, a respeito do tema... por já te conhecer, por achar o tema interessante, pra mim foi motivador!

P: Sim, e... você... como é que você vis... vislumbra ou visualiza o processo, assim, hoje eu já falei um pouquinho pra você que a gente vai continuar com as observações, algumas leituras, e tal...

PR: Uhum... Bom, é... pelas suas observações iniciais e agora você vai me passar alguns textos, um pouco de teoria, eu acho que a ideia é... aquilo que você disse inicialmente, eu ficar a par do que seria feito... e agora, com observação, e a gente começar a teoria, e eu ler a respeito, é ver o que né... estava antes, e agora, com respeito a teoria, o que realmente eu posso "ver" o que esta mais adequado, menos adequado, e tentar melhorar minha prática... então assim, é... um momento antes, a gente vai estudar a respeito, e depois, do que eu vou refletir a respeito e procurar...

P: Vi já participou de alguma experiência de pesquisa assim?

PR: Aqui na sala já teve uma experiência com estagiaria da UFES, duas, na verdade, na minha sala, mas elas só observaram... Não foi aquela coisa de estágio supervisionado...

P: Chegaram a dar aula?

PR: Não, assim, somente observação de sala de aula...

P: e não te davam Tb nenhum retorno do que observavam...

PR: Eu gosto, quando tem estagiário, eu permito entrar, apresento pros alunos, digo que não precisam achar que estão sendo avaliados, mas, assim, não houve feedback, né, não houve nenhuma conversa mesmo...

P: troca, né? E você já trabalhou em cursinho de inglês, em cursinho tem muito essa dinâmica de assistir a aula e depois uma sessão reflexiva, ou de feedback, né...

PR: É, nesse último que eu trabalhei, a gente todo ano, duas vezes por semestre, ou vinha algum responsável da sede da empresa, para assistir aula e dar feedback, e a diretora pedagógica Tb assistia e depois perguntava "o que você achou da sua aula" e depois me dizia o que ela viu... Aí, sim, eu vi o que era essa dinâmica de observação de aula e retorno, conversar... Então não era só o que ela viu, mas os pontos, pra melhorar... eu gostava mais dessa forma

P: Agora vamos falar um pouco mais da sua aula: o que te motiva a ser professor, a trabalhar nessa escola, com esses alunos...

PR: Apesar da situação atual, assim, difícil, né... tenho mais motivos para ficar desmotivado do que motivado... mas de todas as escola públicas em que trabalhei essa me proporciona por exemplo, um projetor, um ... (digital... inaudível), um sistema de som, uma sala ambiente, os alunos vem pra minha sala, e por exemplo, eu posso trabalhar alguma coisa na sala de aula, eu poderia enfeitar a sala com motivos da aula de inglês... eu posso trabalhar listening, posso trabalhar vídeo, além daquela coisa só de quadro, leitura, escrita... então isso me motiva... de ter a minha sala, de ter os livros aqui na minha sala, se eu quiser usar, os meninos não precisam trazer vários livros pra escola pq isso vai desmotivar o aluno... então, o que me motiva é essa gama de possibilidades que eu tenho na escola... Porque inglês não é só aquela coisa de gramática que todo mundo acha, então... tem vários aspectos que a gente pode trabalhar com os alunos que eu acho que é mais interessante inclusive, né, além da gramática... então isso me motiva, eu sou professor porque eu ainda gosto de dar aula, apesar de todos os problemas que sempre vão existir...

P: você já se viu fazendo outra coisa?

PR: Eu gosto muito de tradução, também, né... é uma coisa que eu Tb gostaria de trabalhar... no estado essa não é uma área forte, pela questão do turismo que La é muito mais forte... mas eu gosto Tb da tradução... Mas quando abre concurso publico, é uma vaga só, tem gente com mestrado e doutorado que já esta estudando pra isso mesmo.... mas eu gosto da área de tradução também

P: E você gosta de trabalhar com essa faixa etária? Com esse tipo de aluno?

PR: eu gosto, porque a gente consegue conversar com eles, ne... eles são críticos, e em relação ao EF , das crianças, eu não gosto muito porque nessa faixa etária você tem que ser mais autoritário, tem que ter mais firmeza e com o adolescente se você for muito autoritário ele vai te confrontar... então, eu procuro ter mais dialogo primeiro... é lógico que em situações

extremas você tem que ser mais duro mesmo... mas eu gosto porque adolescente... o inglês pra ele esta muito forte porque eles gostam muito de musica, de internet, uma coisa que esta muito no ambiente dele também, então, eu tenho como puxar isso, personalizar... trazer isso pro lado dele, fazer ele entender isso também...

P: ok! E o que te incomoda?

PR: o que me incomoda é a língua inglesa ter aquela questão de ser menos importante do que as outras disciplinas, então, é... o aluno já vem pra sala achando que essa é uma mátria secundaria, então... isso já é uma barreira, então tenho que quebrar essa barreira inicial e tento mostrar pra ele que o inglês esta no dia a dia dele, mais do que ele imagina... Isso é desmotivador, a questão da educação sempre foi polemica... a gente tem que batalhar por melhores condições, e isso me desmotiva... Nesse período agora a gente esta tendo pouco recurso, falta de papel, é... uma copia que a gente precisa não tem, uma prova não tem... esses cortes ai devido a crise atual, desmotiva muito o professor, a gente esta se sentindo muito pressionado pq é uma coisa que vem de cima pra baixo e acaba a parte mais fraca, que é o professor, e o aluno Tb acaba sofrendo... então a gente esta sentindo uma pressão muito grande em cima da gente pq por falta de tudo isso ai, a gente ainda é cobrado resultado...

P: Falta diálogo, né?

PR: Também, com certeza!

P: Isso em termos estruturais, ne? E com relação a sala de aula, à dinâmica mesmo?

PR: A sala de aula tem 35 alunos, então é muito complicado ter a tenção de todos, na verdade, isso é uma utopia né... então assim, pra aula de inglês, é uma coisa muito complicada... Eu queria trabalhar numa sala de aula de inglês que pudesse ter todos os alunos voltados pra mim, num estrutura de ferradura, que a gente fala né, seria ideal? Mas, 40 alunos, se eu for fazer isso aqui, vou perder muito tempo da aula para conseguir a atenção deles, cerca de 10 minutos... então, speaking, que é algo que eu queria fazer, muitos já tem aquela coisa... “ah professor, não vou falar isso não”... é uma coisa difícil que eu gostaria de fazer... então assim, eu tento trabalhar com o aluno, pelo menos assim, aqueles que eu vejo que são mais atentos, eu chamo a atenção, aqueles que estão menos atentos, né... é lógico que , né, um certo minuto de desatenção ou de conversa, eu procuro chamar a atenção dele, dizendo que isso vai atrapalhar ele ou a turma... É basicamente chamar atenção para ter mais atenção nas aulas, mas, como eu já falei, o inglês pra ele talvez não seja tão importante, ele não gosta, não tem afinidade, talvez não tenha tanta habilidade... são barreiras do próprio aluno que a agente tem

que quebrar essa barreira inicial para tentar chamá-lo... Então, a gente sabe que, se eu tiver a atenção de 10... na verdade um aluno, né...

P: Sim, mas, às vezes estamos entre amigos, e a gente não consegue a atenção de todos... então, essa questão é relativa mesmo... Tb acho que a gente não tem que esperar ter a atenção de todos... até mesmo porque alguns podem parecer estar prestando atenção mas na verdade não estão... né... e outros que não estão, estão, né...

PR: é, assim, em toda sala pelo menos eu sei os grupos que estão comigo, assim, então são eles que eu procuro dar o meu melhor... e aqueles que talvez não estão interessados, ou eles me procuram ou eu tento procurar eles de uma forma... conversar...

P: Vi poderia dizer que conhece os seus alunos?

PR: Todos, impossível... talvez uns 40 %, assim, talvez...

P: os nomes de todos eles você sabe, ne? Eu vi, eu acho que você sabe...

PR: eu tenho 11 turmas, então, 440 alunos, desses uns 300-350 eu devo saber

P: e você foi professor deles no ano passado?

PR: Sim, muitos deles... eu tenho memória fotografia, então, consigo lembrar bem dos rostos, associar aos nomes...

P: Porque são 11 turmas aqui nessa escola... ainda tem a outra escola...

PR: Ahan... que eu consigo me lembrar... muitos foram do ano passado... eu já lembro de cara...

P: Vi sabe da vida deles? Difícil, ne?

PR: Daí, talvez ate menos... 20 a 30%... Que eu conheça... uns estagiam, outros fazem inglês fora, conversam comigo... mas não tantos assim... talvez isso seja uma coisa que eu tente buscar mais...

P: É... mas na medida do possível, né... porque nessas condições fica mais complicado mesmo...

Conversa com Professor – relato.

Primeiro tema conversado: **uso de recursos didáticos.**

Para o professor, o uso de recursos didáticos é de extrema importância. Ele costuma usar o livro didático, imagens, PPT (para ensinar gramática e vocabulário, especialmente com o intuito de simplificar o texto do livro que é todo em inglês – os alunos reclamam disso). Uso também de material de áudio do livro didático, música (também associada a gramática) e vídeos do Youtube. Lousa sempre. Internet quase nunca (não ha conexão boa na sala de aula). Os alunos podem usar o celular para alguma tarefas mas em geral, não envolvem o uso da internet. Usam-no somente para fotografar e usar essas imagens em tarefas.

O professor participou da seleção do Livro (Alive High) e diz que o conteúdo virtual disponível para uso não é acessível para ele por motivos técnicos (não consegue logar). Os alunos reclamam que não entendem as instruções do livro que estão sempre em inglês, por isso, muitas vezes, o professor simplifica os textos e as tarefas usando o PPT. Acha que o PPT prende mais a atenção dos alunos.

Pergunto se ele tem o costume de ouvir os alunos, sobre os temas que gostariam de estudar e ele diz que ouve durante as lições, por meio das atividades ja propostas pelo livro didático. Não é de costume sair dos temas já previstos pelas unidades do material.

27/05/2015

Relato/registro da leitura texto sobre pesquisa-ação

9:05 – chego na sala do professor. Jogamos conversa fora e começo a falar do propósito da conversa de hoje: falar de pesquisa-ação. Faço uma breve introdução e pergunto a ele se já teve alguma experiência com esse tipo de pesquisa. Ele diz que não. Digo a ele que talvez não formalmente mas que, em seu dia a dia, já deve ter se engajado em processos parecidos. Apresento o texto de Luiz Paulo da Moita Lopes, do livro Oficina de Linguística Aplicada (1996) e peço que ele faça a leitura. Ao terminar cada parte, conversamos sobre alguns pontos levantado pelo professor.

Sobre formação dogmática: o professor acha o tom do autor um pouco forte e exagerado quando o mesmo fala que "a formação que os professores recebem não lhes permite fazer escolhas sobre o que, o como e o por que de ensinar que sejam informadas teoricamente" (p. 179). Diz que há, sim, professores questionadores e se coloca como um deles. Fala de experiências em cursinhos de inglês onde trabalhou em que a formação, apesar de técnica, sempre abria brechas para a reflexão e a adaptação dos conteúdos, métodos e temas para a realidade dos alunos e da sala de aula. Falou de um certo cursinho que, em determinado momento, decidiu reforçar a importância de *drills* que estavam em desuso naquela abordagem, mas que, mesmo assim, a formação não se pautava somente no uso e aplicação de técnicas, cedendo espaço para a reflexão e a autonomia do professor ao implementá-las.

O professor não concorda com a noção de formação dogmática (p. 180) pois para ele cada turma é única e diz preparar suas aulas e adaptá-las levando isso em consideração. Explico para ele que na época em que o texto foi escrito, já acontecia a mudança de paradigma de formação técnica para a formação critico-reflexiva no Brasil, e que, nesse período as publicações brasileiras começam a surgir dando ênfase a essa "nova" perspectiva. Como o professor se graduou em 2005, talvez, a formação dogmática que o texto discute não tenha feito parte de seu processo de educação formal para o exercício da profissão.

Conclui essa parte dizendo que "não existe método melhor" e que prefere escolher aspectos de diferentes métodos para planejar suas ações em sala de aula.

Sobre a natureza da linguagem: o texto se apoia na concepção de linguagem como construção e prática social e portanto, fala do papel social da aprendizagem de LI para a realidade dos alunos. O professor destaca essa parte (p. 182) do texto para seus comentários dizendo que para muitos alunos, a realidade do uso da LI ainda parece distante, muito embora ele trabalhe

nessa perspectiva citando, por exemplo, o trabalho que faz com a noção de registros e contextos de linguagem, buscando conscientizar seus alunos nesse sentido. Pergunto se os alunos entendem a diferença entre registros e a necessidade de sabê-los e ele diz "eles entendem mas não fazem muito uso", exceto aqueles que já fazem estágio e sabem um pouco do papel da LI no mercado de trabalho. Diz que cerca de 40-50% dos alunos da escola fazem estagio profissional.

O professor também comenta o trecho em que o autor fala do uso de role-plays, muito usadas para praticas orais, mas que implicavam na aquisição de "*personas*" outras que a própria através da mudança de seus próprios nomes" (p. 183). Para ele, os alunos gostam de saber como seus nomes seriam pronunciados em inglês e sempre o pedem para traduzir seus nomes. Percebo que o sentido que o professor faz da afirmação do texto não prevê a questão das subjetividades "apagadas" pelo emprego desse tipo de atividade e por isso, levo a conversa para a questão do uso de role-plays. Falo de minhas experiências enquanto professora com abordagem essencialmente técnica, na época em que atuava em cursinhos de línguas, e assumo ter, por muitas vezes, pedido que os alunos assumissem aquelas "personas" sem uso de criticidade, sem entender que aquela prática só reforçava os valores hegemônicos enquanto desprezava a subjetividade dos aprendizes brasileiros. Enfim, ele concorda comigo, mas concluímos que apesar de poder ser útil, o uso de role-plays não deve se encerrar no exercício da oralidade, mas, sim, que deve extrapolar para debates críticos sobre quem fala, de onde fala, para quem, com que propósito, (etc.) e se tais diálogos aconteceriam de fato no dia a dia dos aprendizes brasileiros.

O professor fala da questão dos sotaques e da supervalorização dos sotaques mais próximos do falante nativo.

<u>Sobre epistemologias (conhecimento sobre como atuar na produção de conhecimento)</u>: Ao falar de como o conhecimento do professor pode ser valorizado ao mesmo tempo em que o conhecimento dos pesquisadores também devem ser aproveitados na pesquisa-ação, o professor fala do discurso das pedagogas que, geralmente "leem e sabem muito de Paulo Freire" mas, infelizmente, não analisam e não põem tais teorias em prática pois "quase nunca assistem aulas ou fazem pesquisas para analisar as práticas dos professores da escola". Ele diz que nunca teve nenhuma aula sua observada, mas que, quando ensinava em cursinhos teve muitas aulas assistidas, e que, por isso, consegue entender com naturalidade a presença de um observador em suas aulas.

Terminamos a leitura pontuando o passo-a-passo da pesquisa-ação descrito pelo autor e entendemos que alguns daqueles procedimentos já estão sendo desenvolvidos em nosso processo. Fico de enviar a ele um outro texto sobre pesquisa-ação crítico-colaborativa, de Selma G. Pimenta para que ele leia para a semana que vem.

Aula

10:15 – 7 alunos na sala somente. O Prof entrega algumas avaliações para os alunos que fizeram a recuperação. Hoje começa o segundo semestre. *Professor vai até a porta e mais alunos entram. A aula hoje é para 18 alunos.*

10:18 – professor inicia a aula dizendo que o novo trimestre esta começando apesar de aula passada já ter sido segundo trimestre embora alguns ainda estivessem fazendo a recuperação do primeiro.

10:20 – O prof escreve no quadro palavras relacionadas ao que vão estudar: Bronx e Hollywood "vocês já devem ter ouvido falar". Ficam nos EUA: alunos sabem que são lugares nos EUA e um aluno responde "Nova Iorque e Las Vegas" depois conserta para "Los Angeles". Prof desenha no quadro um mapa dos EUA para os alunos visualizarem que cada lugar está numa costa diferente e destaca os dois oceanos (Atlântico e Pacifico). Uma aluna fala: "Nossa, que chique esses EUA!". O prof diz que a Califórnia faz fronteira com o México e que NY fica no lado do Atlântico.

Ao meu lado, Dois alunos jogam cartas (tipo RPG) e um deles se posiciona de costas para o professor.

O professor diz que entre 12-18 de junho, os alunos receberão visitas de dois professores estrangeiros, vindos desses dois lugares. O professor fala sobre os visitantes, o que eles fazem, e o que farão na escola. Uma aluna pergunta se eles falam Português e o prof responde, fazendo a turma ficar quieta por alguns minutos. *Chama a atenção de um grupo que esta falando bem alto (conversando).*

10:30 – O prof começa a explicar o que será a primeira atividade do trimestre e pede que eles copiem do quadro. Diz que a atividade será feita em grupos, 5 no total, e que cada grupo pesquisara um "tema": 1. Broadway, 2. Empire State, 3. Wall Street, 4. Manhattan, 5. New WTC.

O professor adianta um pouco de info sobre cada tema. Os meninos (Luan e Ryan) continuam jogando cartas – as cartas são todas em inglês!!! Pergunto aos meninos se eles entendem o que esta escrito nas cartas e um deles me diz que algumas sim, outras eles inferem o significado.

O professor divide os grupos por afinidade. Diz que quer ser democrático nas escolhas dos temas também. Escreve os nomes dos alunos em cada grupo no quadro e os grupos tem de 6-7 alunos.

Os alunos começam a escolher os temas de seus grupos – um aluno escolhe Wall Street por causa do filme "o Lobo de Wall Street". Uma aluna reclama "como vou escolher algo que não conheço?" e um colega responde: *"Você está com fone de ouvido!!! Como vai saber?"*

O prof escreve o passo a passo da tarefa:

1. Pesquisar sobre o tema
2. Fazer um cartaz (em cartolina)
3. Escrever o tema, as principais informações pesquisadas, pelo menos duas imagens e o nome dos participantes (enfatiza que somente o nome de quem trabalhou deve aparecer no cartaz).

O prof diz que os cartazes serão expostos na sala e diz que a atividade valerá 8 pontos. Deverão ser entregues no dia 10/06. Uma aluna pergunta se pode desenhar. Ele diz que pode imprimir mas parece que a aluna gosta de desenhar e talvez prefira isso. Outra aluna diz: "É muita gente pra pouca coisa!" e o professor responde: "Um pesquisa, outro compra a cartolina, outro imprime..." e assim os alunos já começam a dividir as tarefas ao invés de pensarem na interação entre os membros do grupo.

10:56 – o professor dispensa os alunos dizendo que se não tem dúvidas, podem ir embora.

03/06/2015

Chego na escola às 8:45 e ao abrir o portão para meu carro entrar, um grupo grande de alunos aproveita para sair da escola, fugir das aulas. Não há ninguém para repreendê-los ou fazê-los voltar. É véspera de feriado e o pátio está bem cheio de alunos também, muito embora ainda esteja bem longe do momento do recreio. Vejo alguns alunos bem alegres, cantando com microfones...

Conversa com Professor - relato

Primeiramente, falamos sobre a participação dos alunos na pesquisa, e da minha vontade de já ter acesso a algumas de suas opiniões por meio de um questionário. Mostro o termo de consentimento e explico a ele que precisarei de um momento a sós com os alunos para explicar e pedir que respondam as perguntas e assinem o termo. O professor chama a pedagoga para pedir a sua autorização e para que a mesma se torne ciente da necessidade de acessá-los para a pesquisa. Ela lê o termo e as perguntas e diz que está tudo ok, que as perguntas são interessantes para a escola como um todo e explico a ela que apesar de minha pesquisa estar se originando na área dos estudos linguísticos em inglês, minha intenção é que ela sirva para todas as áreas de conhecimento escolar. Ela ainda me oferece uma sala para que eu faça as entrevistas e converse com os alunos participantes e colaboradores.

Começamos a ler o texto sobre pesquisa-ação crítico-colaborativa, de Selma G. Pimenta, pontuando alguns trechos mais relevantes e explicativos do tipo de pesquisa que pretendo desenvolver com o professor. Lemos sobre a pesquisa-ação como forma de problematizar a prática, refletir sobre ela a partir de situações-problema, e como forma de desenvolvimento do engajamento profissional por parte do professor. Digo a ele que no momento, a pesquisa está se balizando por minhas hipóteses ou pressuposições, mas que também poderia se iniciar a partir de uma situação-problema levantada por ele. Reforço a ideia de que se ele tiver demandas e quiser tratá-las especificamente, podemos nos debruçar sobre essas questões, enquanto continuo a observar e levantar dados para minha pesquisa.

Ao lermos o texto, o professor passa a refletir e a conversar sobre a atitude dos alunos julgados “imaturos”, “irresponsáveis” ou “desinteressados” dizendo que em sua concepção de mestre/professor ele não deve agir de maneira autoritária sempre, e que na verdade, evita tratá-los na base do autoritarismo. Diz que tenta manter o equilíbrio entre ser autoritário ao exigir o respeito e o bom comportamento de seus alunos e ser permissivo na medida do possível, pois, percebe que em suas famílias, os alunos geralmente estão em contato com

ambientes e pais mais permissivos do que autoritários. Lembra de sua criação, e diz que somente depois de adulto entendeu a importância da autoridade de seu pai. Pergunto a ele se ele entrava sempre em conflito com seu pai e ele me diz que não, que o respeitava. Assim, ele fala um pouco sobre conflitos de gerações entre pais e filhos e, porque não, entre professores e alunos.

O professor diz se sentir incomodado com alunos que tentam, pelas redes sociais, passar uma imagem de cidadão responsável e consciente, mas que, na sala de aula não o respeitam, e nem, muito menos, respeitam os colegas que desejam aprender. Fala mais uma vez da educação que vem de casa, que sente falta de valores éticos mais bem construídos pelas famílias, e concorda comigo quando digo que os alunos parecem vir obrigados/forcados para a escola, que parecem não ver importância e nem interesse nela.

Por fim, comenta um pouco sobre seu sentimento de solidão na escola, por ser o único professor de inglês na maior parte do tempo, e que, talvez, se tivesse um colega de área poderia se engajar mais em pesquisa-ação. Fala da categoria desunida, da profissão desvalorizada, usando o discurso do "quem vale mais": o médico ou o professor que ajudou a formar o médico? Diz que, infelizmente, a carreira de professor não é atrativa e que se fosse, se houvesse salários mais atraentes, talvez a profissão atraísse gente mais competente... Fala isso quando eu sugiro que há muitos professores já cansados do oficio e que, talvez por isso, não se esmerem mais em suas aulas ou não tenham mais tanta esperança... Mas, concordamos, no final da conversa, que a formação docente deve trabalhar mais com a complexidade, coisa que os cursos de graduação ainda não estejam dando conta de abordar, ensinando, então, conhecimentos compartimentalizados, vendendo certezas junto com técnicas e métodos, experienciando muito pouco da realidade da escola pública em seus estágios... O professor, formado em 2005, nunca havia ouvido falar em pesquisa-ação.

Aula 07 – Turma 12

10:20 – O Professor começa a falar sobre o que farão nessa aula, partindo da temática *PODCAST*, relacionado à internet. A sala hoje esta vazia, somente 14 alunos. Aparentemente mais silenciosa. Os dois meninos (Ryan e Luan) que jogavam na aula passada sentam ao meu lado e tiram as cartas para jogar novamente.

O professor explica o significado e o funcionamento de *podcasts* (gravação de áudio). Diz que *podcast* também pode ser um verbo além de substantivo. Aula no quadro. Não usa PPT hoje.

No primeiro momento, ele fala de rádio (em inglês) e diz que o significado é o mesmo para português. Pergunta se alguém ali ouve radio e diz que hoje em dia o rádio está presente em vários lugares, de várias formas (no carro, em casa, na internet) mas que no início do século não era tão presente assim. Aos poucos foi se popularizando, tendo sido um dos primeiros meios de comunicação em massa.

Pede que abram os livros na página 46 e distribui alguns livros. Nessa hora, ele pede para os meninos pararem de jogar mas eles somente abrem o livro (e continuam a jogar). O professor explora as imagens do livro, todas sobre o tema radio/*podcasts*, e os alunos o acompanham. Ele conta uma história pessoal por meio de uma narrativa sobre o tempo em que era criança e seus pais tinham que dar duro para comprar eletrodomésticos. Escuto uma aluna dizer que em sua casa tem wifi, o que me leva a crer que ela estava dizendo que sua casa é bem provida de eletrodomésticos e tecnologia.

O professor passa para o exercício – relacionar as imagens às perguntas. Ele segue traduzindo todas as frases, sem pedir que os alunos infiram seus significados, sem forcá-los a ler... Talvez eles até conseguissem e isso pudesse fazê-los sentirem-se mais engajados e "recompensados" pelas aulas que assistem... Os alunos conseguem realizar a tarefa mas com todo o suporte dado pelo professor.

O professor começa a falar de palavras cognatas e pergunta aos alunos se eles se lembram do que elas são. Eles não lembram e ele explica: "escrita semelhante, pronúncia diferente, significados iguais".

Leitura do texto (do livro): o professor explora as cognatas como exercício de pré-leitura. Ele pede que os alunos procurem e destaquem as palavras linha por linha. Alunos respondem. Algumas palavras são: *music, president, Record, percent, result, American Idol, affection*... Ele reescreve todas as palavras no quadro. Uma aluna pergunta se Texas seria cognato e ele diz que nomes de lugares, cidades, localidades não devem ser alterados, e portanto, não são cognatos. Uma aluna pergunta então por que o nome do seu país, Brasil, é alterado em inglês e ele reponde que nomes de países podem ser alterados porque são mais usados do que nomes de localidades menores.

14 cognatos no total – o professor diz que todo texto possui palavras cognatas e que elas devem ser usadas para auxiliar na compreensão da leitura. Começa a ler o texto com os alunos falando do tema: a biografia da cantora Kelly Clarkson. "Alguém conhece?" Nem tantos... O

professor adianta um pouco do texto focando nos cognatos, ajudando os alunos a construírem sentidos sobre o texto por meio deles. Ele ajuda bastante...

“Sobre o que o texto está falando?” – O professor não dá tempo para os alunos tentarem ler sozinhos, já vai lendo e traduzindo o texto. Os alunos acompanham.

10:53 Professor começa a falar sobre estrutura textual – Introdução/Desenvolvimento/Conclusão – fala dos conectores (*however, but, finally, lastly...*), de forma bem geral.

Retoma o texto do livro, o tipo de texto e a parte dele (introdução) que apresenta o convidado do programa (referindo-se a um programa em formato de *podcast*). Ele diz que o texto, apesar de não estar claro, é uma entrevista com a cantora e fala um pouquinho sobre entrevistas orais e escritas”.

Vai terminando a aula dizendo: “Semana que vem vamos entrar mais na história do rádio”. Ele pede para os alunos lerem o texto na p. 48, mas espera que poucos realmente o leiam. Faz a chamada. Turma bem calma e quieta hoje. A aula “rendeu” bem...

10/06/2015

8:40 – chego na escola e encontro o pátio vazio, sem alunos conversando ou com aula vaga por causa de falta de professores. No mesmo pátio vejo uma patrulha escolar: um carro da PM, estacionado. Pergunto ao professor se esse seria o motivo de não haver alunos no pátio uma vez que na semana passada havia cerca de 60 alunos sem aula naquele mesmo horário. Ele justifica que naquele dia havia cerca de três professores ausentes por motivos diversos (nascimento de filho, abono de aniversário, licença médica) e que talvez esse não fosse o caso de hoje.

Mais tarde, no momento do recreio, a coordenadora entra na sala dos professores para contar da reunião entre pais, escola e conselho tutelar. O conselho esta acompanhando de perto o problema da frequência dos alunos faltosos e cobrando a responsabilidade da família, que, no caso de não atender à lei e garantir que seus filhos frequentem a escola, serão punidos com pagamento em dinheiro revertido em cestas básicas. Isso, de acordo com a diretora, causou muita discussão pois os pais não querem ser punidos por não conseguirem manter seus filhos na escola, mesmo tendo assinado um termo de compromisso para o conselho e a escola. Muitos pais pediram que o documento fosse devolvido a eles pois não queriam pensar na possibilidade de terem de pagar tais multas. Muitos pais também cobram da escola a ineficiência em manter os alunos dentro dela, dizendo que chegam a trazer os filhos "e como é que eles não entram e não ficam na escola?", cobram melhorias na infraestrutura, reclamando que a escola precisa de mais cuidados. Por fim, a coordenadora diz que os pais ficaram de voltar à escola nessa semana e ela cancela uma reunião que seria feita no dia marcado para a visita dos pais para que os pais vejam a escola funcionando e os alunos estudando em sala. Alguns professores comentam da ausência dos pais na reuniões de pais e a coordenadora diz que os pais, por outro lado, se justificam por não terem recebido o aviso da escola que deveria ter sido entregue pelos filhos.

10:20 – Inicio minha primeira conversa com a turma, explicando minha presença naquele local e o contexto da minha pesquisa no intuito de orientá-los sobre a participação na mesma. Esclareço que ninguém é obrigado a participar, e que, os que se disponibilizarem podem usar *nicknames* para identificação. Eles prestam bastante atenção na minha fala, alguma meninas fazem perguntas, mas decidem não participar. De 29 alunos presentes, somente 15 decidem responder a aderir à pesquisa nesse dia.

Conversa com professor: tópico Interação Professor-Aluno

Terminamos uma conversa sobre o acesso que os alunos tem à tecnologia e o nível socioeconômico dos alunos: nem todos são carentes, alguns até teriam condição de estar em escolas particulares. Muitos alunos vêm dessas escolas...

P: Enfim, vamos falar um pouquinho da interação, hoje da interação entre professor-aluno e depois a gente fala da interação entre eles 'aluno-aluno', ok? Wheber, como você descreveria a interação durante as suas aulas? Vi conseguiria pensar numa espécie de 'framework', numa estrutura, como a interação geralmente se desdobra, como você planeja a interação em suas aulas?

PR: Bom, é... basicamente, nas minhas aulas, procuro estabelecer um certo diálogo, lógico, né... uma introdução ao assunto, procuro perguntar a eles, ouvir deles a experiência que eles tem... mas basicamente é a seguinte: eles esperam, então, é mais ou menos uma visão tradicional de aula, eles vão sentar ali, o professor vai aplicar o assunto, o conteúdo, lógico, não todos, mas assim, grande parte dos alunos, tanto assim que, não somente comigo mas com grande parte dos professores, no início da aula... quando vai trocar de aula, uma outra turma, alguns alunos sempre perguntam: "vai ter alguma coisa de importante hoje?" então eu falo, bom ... sempre tem né... mas na verdade essa coisa importante é algo valendo nota...

P: avaliação

PR: né... então é... já com nota eles, não todos, mas uns 10- 20% dos alunos não fazem trabalho, atividade... então, se não tiver nota, você pode esperar que a reação vai ser de muitos poucos, então assim, eu não tenho... na hora da interação eu sei que pelos menos um ou dois vão contribuir com o que eu espero deles, mas, nas minhas aulas, não só nas minhas aulas, ouvindo de outros professores que na sala de aula de 40, vamos dizer o numero máximo de alunos, desses 40, realmente, quem tá com vc ali vão ser uns seis, que querem e estão dispostos a aprender... o resto, ou tá no celular, ou tá dormindo, ou tá conversando...

P: ok, aí vc está falando da pré-disposição deles pra interagir, ne?

PR: sim

P: então, uma vez pré-dispostos, vamos esquecer ou outros que não estão nessa situação, ou que não estão muito preocupados em se engajar e interagir...

PR: uhum

P: é... então, esses que estão pré-dispostos... você geralmente consegue perceber um padrão na forma como você trabalha a interação, como você interage e como eles interagem com você?

PR: principalmente no contato visual mesmo né... em cada sala eu sei quem vai estar prestando atenção, na verdade são aqueles que eu consigo identificar que estão comigo, então... o meu contato visual, lógico, né, a sala de um modo geral, mas focando neles, pra que eles saibam que eu estou ciente de que eles estão prestando atenção, então, é... primeiramente, o contato visual... depois, perguntas né, se eu estou falando de um tema como é o radio, que foi na aula passada, procuro saber a experiência deles, eu olho pra quem vai me responder... e sempre que eu estou falando de um vocabulário a respeito de um tema, eu procuro sempre esses que estão comigo... então, basicamente, do meu ponto de vista, eu estabeleço esses contatos, dessa forma...

P: e geralmente quem inicia é você?

PR: é... sou eu

P: o que é muito comum né, na verdade, quando a gente estuda ou lê um pouco sobre análise de conversação na sala de aula, a análise da interação na sala de aula, esse é um padrão tradicional, que eles chamam de iniciação-resposta-avaliação/*follow-up*, então, *follow-up* também acaba sendo na maior parte das vezes liderado ou sugerido pelo professor... e acho que na maior parte das outras aulas o padrão é esse mesmo, ne?

PR: é... até porque é... por exemplo, esperar que eles façam isso, você vai ficar sentado aqui, eles vão ficar conversando e vão falar: "professor, você não vai falar nada não?"... então, é o que vai acontecer... sei lá... em raros casos pode ser que não... eles tem a educação dessa forma passiva mesmo, de só receber... eles não entendem que a educação é uma troca de experiências, né...

P: ninguém nunca chega pra você e diz: professor, eu li isso em algum lugar, pode traduzir ou me explicar o que é isso?

PR: existe, existem sim... mas assim, geralmente acontece quando estou falando de algum tema...

P: que você já iniciou

PR: é... professor, 'tava' vendo (sic.) uma música, um filme e vi isso... é geralmente um estímulo, eles precisam ser estimulados... partir deles... em alguns casos, em exceções, eles fazem sim... mas é mais através de estímulo, aí eles vão dar a resposta

P: Sim... Quem fala mais?

PR: enfim, uh... você está querendo dizer em relação a professor-aluno?

P: quantidade de *Teacher-talk*, *student-talk*... quantidade de tempo

PR: uhum...eu acho que a proporção é eu falando mais... né... do que os próprios alunos

P: por que você acha que isso acontece?

PR: bom...

P: por causa do padrão tradicional??.. mas você acha que existem outros fatores que te levam a...

PR: bem, o fator tradicional acontece sim, também, eu creio que seja também uma questão de... como posso dizer, se eu não falar, eles vão conversar entre eles, e enfim, a aula vai rolar e outros vão me perguntar: "você não vai dar nada"... enfim, né...

P: sim, uma forma de controle mesmo, né...

PR: se eu não falar não vai haver aula propriamente dita, então, é... eu preparo as minhas aulas e eles vão falar nesses momentos, noutros eles vão fazer a atividade, ou vão falar entre eles... entre eles, mas, basicamente sou eu quem falo tipo 60% do tempo...

P: sim, claro... o que Tb é super normal, né... até eu acho que falo mais nas minhas aulas do que meus alunos... (risos)... Vi já tentou outras formas?

PR: de? Interação?

P: é...

PR: que eu me lembre não

P: eu me lembro de quando eu dava aula em escola regular e que a turma estava muito dispersa, a gente, as vezes chamava atenção muito alto, ou as vezes ficava esperando eles perceberem que eu estava ali esperando eles tomarem consciência de que... é uma estratégia, né... não sei ate que ponto você conseguiria aí, como uma aula se desdobraria... tipo, depois do silêncio, quem levaria essa aula adiante... certamente o professor...

P: Vi interage com eles fora da sala de aula?

PR: Sim, sim...

P: em que momentos, em que lugares?

PR: então é claro que, segundas, terças e quintas eu tenho 5 aulas, então, é... a interação é basicamente com eles em sala de aula ou no intervalo, eu vou à cantina ou ao pátio, em algum local... eu tenho essa questão de cumprimentar, conversar... “e aí... como vai...” dependendo do aluno... mas eu procuro conversar com eles sempre que possível... sexta-feira que é meu planejamento... se eu encontro com um ou com outro eu bato um papo e tal, conversar...

P: mas Tb no momento do seu planejamento os alunos estão em aula...

PR: tem essa questão também, mas, como acontece muito não é... de professor faltar... aqueles alunos mesmo com que eu tenho o costume de conversar eu...

P: e eles te procuram na sala dos professores?

PR: procuram

P: ou você esbarra com eles... vai no pátio...

PR: alguns eu tenho no Face

P: ah... você aceita os pedidos de amizade?

PR: dependendo dos alunos, sim... aqueles que sei que vão utilizar de maneira boa...

P: e quando vi não aceita eles reclamam?

PR: alguns... eu nem vejo, eu esqueço... mas tenho alguns grupos de 3os anos onde eu passo alguma coisa, alguma atividade porque eles só tem uma aula por semana...

P: então você esta dentro dos grupos?

PR: os 2os anos não tem, mas tem três 3os anos que tem grupo no face... e como tenho uma aula só... uso o face... aqui na escola, de modo geral, com os alunos, eu tenho um bom relacionamento

P: ok... Wheber, o que você acha que é preciso para engajar os alunos na interação?

PR: olha... é claro que você que ter um certo bom humor... você não pode ser aquele cara carrancudo que eles vão ficar... assim, com medo de falar... então você tem que ter uma certa maneira de falar, sem ser bobo, fazer certas brincadeiras...

P: descontrair um pouco?

PR: sim, dar uma descontraída... eu já... geralmente dou algum conselho, falo da minha época da escola... pros 3os anos, como se fosse uma coisa de parceria mesmo... não é amizade, mas que eles saibam que estou ali para ajudar... que eles tem aquele visão de que o professor esta

ali só para avaliar, meio carrasco... eu tento quebrar essa ideia... muitos entendem, alguns não... mas eu tento ser... tento fazer com que eles estejam na minha aula mais descontraídos, vendo que eles podem realmente perguntar, interagir, e... tentar ajudá-los de alguma forma, seja nos estudos, seja na vida pessoal... então assim, eu tento fazer isso... algumas coisas funcionam, tento personalizar cada vez mais, né... trazer pro dia a dia deles senão eles não veem muito sentido...

P: Vi acha que os conteúdos... os conteúdos que você geralmente trabalha são os sugeridos pelo livro... você acha que esses assuntos eles são interessantes, eles podem engajar os alunos, trazê-los para a interação?

PR: é... bom basicamente, o livro... esse do 2º ano, ele traz bastante coisa do dia a dia deles... eu vi que eles estavam muito interessados porque tinha muita coisa de internet, né... aquelas coisas que eles são realmente acostumados a lidar.... então, nesse primeiro momento, nessa parte inicial eu estou tendo uma boa resposta... talvez se torne um pouco repetitivo... agora vai ser a questão do radio... enfim... é algo que eles escutam no dia a dia... eu creio que seja interessante

P: quando você participou da escolha do material você deve ter analisado isso Tb...

PR: sim, foram três ou quatro livros... um era muito com foco na gramática, é... um outro... enfim, eu escolhi o livro pq eu vi que o modo como ele trazia era, enfim, o modo como uma curso de línguas estrutura... Lead-in, leitura, uma parte de vocabulário, ou pouco de gramática... a parte de pronuncia... a língua como algo mais global, não só aspectos gramaticais, leitura... pq tem livros que são feitos basicamente para o ENEM... leitura, aquela parte de gramática, então eu não gosto desse tipo de coisa... eu gosto de explorar o que realmente é interessante...

17/06/2015

Chego na escola e, para minha surpresa, os dois professores nativos visitantes estão reunidos para uma aula com o professor regente/colaborador no auditório: hoje nossa conversa será a quatro. Fico um pouco receosa, mas em poucos minutos a conversa começa a fluir e ficamos todo à vontade. Inicio essa sessão apresentando os dados levantados por meio das perguntas respondidas pelos alunos na semana anterior, e o professor se mostra bastante interessado nelas, lendo-as rapidamente e logo sugerindo que a coordenação da escola tenha acesso a eles uma vez que os mesmos levantam a questão da organização da escola e da necessidade que os alunos apontam de que a escola seja mais organizada e rígida com os alunos.

Retomamos a leitura dos dados e falamos um pouco sobre o sentido da escola para os alunos, que, em sua maioria, definem a escola e a educação como fundamental, muito importante para "quem quer ser alguém na vida" e para se adquirir conhecimentos e formar cidadãos. Um dos visitantes analisa as respostas como 'clichês' pois, como já havíamos conversado anteriormente, a conduta e a atitude dos alunos dentro da escola não refletem ou ilustram tais valores uma vez que grande parte de seus alunos não parecem engajados ou interessados em aprender já que não costumam prestar atenção e nem participar das aulas, em especial, das aulas de inglês que tenho observado. Concordo com ele de que essa noção pode ser fruto do senso comum, de uma ideia já naturalizada na sociedade, mas que não chega a ser vivenciada ou construída pelas experiências pessoais desses jovens.

Penso que talvez o fato de apenas 50% da turma ter se disponibilizado a responder e a participar da pesquisa já indique que os outros 50% pensem o contrário da função e da importância da escola, uma vez que se pode inferir por essa pouca participação que os mesmos não querem se engajar e nem parecem interessados na possibilidade de alguma mudança acontecer por meio de minha pesquisa.

A conversa segue com os visitantes e falamos de salários e carreira, estrutura física das escolas, de mão de obra e do trabalho dos diretores aqui e nos EUA. Notamos muitas diferenças e poucas semelhanças... Uma delas seria o sistema avaliativo presente nos sistemas educacionais dos dois países para avaliar o desempenho dos alunos ao final do Ensino Médio, mas, o professor regente se refere mais ao PAEBES (programa de avaliação da educação básica do ES), que tem sido mais comentado e 'aguardado' pela escola.

Por fim, falamos das disciplinas/aulas mais elogiadas pelos alunos e percebemos que Português é a matéria mais 'votada', o que nos anima pelo fato de se tratar de linguagem, de

leitura e letramentos (na melhor das hipóteses). Falamos com a professora de português da turma que também se mostra surpresa, porém, feliz com a 'novidade'. Peço a ela que me permita assistir uma de suas aulas e ela se disponibiliza com prontidão.

Após nossa conversa, o auditório começa e encher novamente, dessa vez, de alunos que fazem parte do *Conversation Club*, momento de conversação em inglês comandado por um aluno da escola recém-chegado de um intercâmbio cultural no Canadá, fruto de uma bolsa por ele conquistada por seu ótimo desempenho como aluno do Centro Estadual de Idiomas (uma espécie de cursinho de línguas oferecido pela Secretaria de Estado de Educação).

AULA 8 – Turma 12

Aula com o professor visitante, falante nativo, ensina literatura. Aula de prosódia para leitura 'dramática' de textos literários, nesse caso, Shakespeare.

O professor regente divide a aula com o visitante numa espécie de *Co-teaching*, traduzindo para o Português as falas e os comandos dados professor nativo. Por meio de imagens, o professor trabalha as possíveis variantes da pronúncia da vogal 'O' como interjeições possíveis para determinadas situações ilustradas pelas imagens (*Surprised, Angry, Afraid, Exhausted...)* e significadas por adjetivos. Os alunos repetem os sons sugeridos pelo professor visitante como *drills* e se divertem com a dinâmica e o assunto da aula. Também parecem estar admirando a fluência e a possibilidade de estarem interagindo com um falante nativo do inglês.

Apos a aula, peço que três alunas colaboradoras da pesquisa respondam a duas perguntas: se gostaram (ou não) da aula e por quê. Suas respostas são gravadas em áudio e elas, apesar de envergonhadas, aceitam participar desse momento.

Gravações:

Rosa: Eu gostei muito da aula porque achei diferente da forma tradicional de dar aula e... achei interessante.

Mylife: Eu gostei da aula porque foi diferente do que estamos acostumados, geralmente ficamos só na sala de aula, e, bom, o inglês pra gente se resume ao verbo to be, e foi bem diferente... eu gostei, particularmente.

Panda: gostei muito da aula porque é uma outra forma de aprendizagem.

24/06/2015

P: Primeiro, Wheber, antes de falarmos da atividade, que também esta relacionada à minha primeira pergunta, sobre a visita dos americanos...

PR: Sim...

P: Os alunos, se manifestaram??

PR: pois é... na quinta e hoje estou fazendo um "*de-briefing*" com eles... mais batendo papo de como foi, se alguém teve experiências antes deles virem aqui com estrangeiros, depois eu pergunto sobre americanos, que visão eles tinham de um americano antes... e depois da visita... Pergunto se os cartazes que estão aí, qual foi, e pergunto como foi a pesquisa, o que souberam além do que foi pesquisado, do que está no cartaz, aí trago um pouquinho dos dois, dos dois americanos mesmo, tipo "Fernando mora perto de tal local que esta alí...", e assim, a receptividade está sendo bacana em relação à visita... a maioria gostou muito...

P: eles parecem ter gostado daquela aula, da dinâmica dos *drills*, da repetição, acharam divertido...

PR: Alguns não... alguns sim... assim, sempre tem aqueles que... realmente, a maioria...

P: pelo menos da aula, do momento que eu observei, as meninas... quando perguntei para elas o que tinham achado, elas disseram que tinham gostado, que tinha sido uma aula diferente, é... mas hoje eu vou perguntar um pouco mais... Eu acho que, não sei se cheguei a comentar com você na semana passada, mas uma coisa que eu acho positiva e fiz ate essa anotação aqui é... e que talvez você possa chamar a atenção deles para esse momento, ate na conversa que você está tendo com eles hoje sobre a visita, é de destacar o papel da língua inglesa na sociedade hoje... então, assim... como que nesse momento a escola, e você em particular, estão vivendo um momento propício para essa reflexão, de estarmos aqui fazendo esse trabalho juntos [refiro-me à pesquisa], dos alunos, querendo ou não, estarem se sentindo olhados, mesmo que seja por uma pessoa de fora, mas eu acho que já pode dizer alguma coisa... olha, se tem uma pessoa aqui, fazendo um trabalho junto com esse professor, nessa disciplina, eu acho que pode trazer alguma reflexão a respeito da importância, de como isso hoje pode ter... tem um certo valor. A questão da visita, então, acho que, assim, a pesquisa, a visita, e outra coisa que me ocorreu também na semana passada, que eu achei super bacana, foi o momento de conversação

PR: ah tá... o clube de conversação

P: O *conversation club*, como que eles se interessam mesmo, como a sala estava cheia e eu acho que isso Tb traz uma visão de possibilidade, abre o escopo do que os alunos pensam ser importante, por que o inglês é importante, o inglês está presente SIM na vida deles! Então, penso que essas três situações que eu presenciei na semana passada, eu acho que, elas podem ajudá-los a entender um pouco mais da importância do ensino, de se aprender inglês no mundo de hoje...

PR: sim...

P: porque às vezes parece que é muito abstrato, nas respostas [refiro-me às perguntas respondidas pelos alunos], eles falam muito de viagens... vc viu isso? Por que vc acha importante [refiro-me a uma pergunta especifica, manuseando a folha de repostas dos alunos]... vou pegar aqui as respostas de novo... Por que é importante aprender inglês, ne... Na verdade a maioria entende, fala da importância, fala da "língua sempre usada, língua globalizada, língua universal...." muitos falam "viajar e estudar fora, adquirir novos conhecimentos" e esse eu achei gozado... "para se enturmar com pessoas diferenciadas" não sei bem o que esse 'diferenciadas' aqui quer dizer....

PR: pessoas de diferentes culturas, eu acho

P: pessoas de diferentes culturas ne... "pra conseguir um emprego fora do pais"

PR: (risos discretos)

P: "uma língua bastante usada no mundo", então de novo a presença da língua inglesa, "mais oportunidades de carreira fora do pais"... eu acho isso bacana, né... eles tem um sonho ou uma perspectiva mesmo... de alguma possibilidade de ir pra fora do pais... "muito usada na comunicação, como no futebol, os juízes usam inglês para se comunicar com jogadores de outros países" ...

PR: risos

P: "língua internacional" de novo, "importante para o mercado de trabalho", "língua universal, precisa saber o básico para entrar no mercado de trabalho", então... de novo se fala do trabalho, do mercado de trabalho... "uma das línguas mais faladas no mundo, abrindo oportunidades de comunicação", "língua universal"

PR: (lendo a folha comigo, continua a frase que eu estava lendo) "... como pretendo viver uma vida de viagens, pretendo aprender inglês para aproveitar a vida"

P: Viu que interessante? Como pretendo viver uma vida de viagens... esse aqui eu não tenho nem ideia de quem seja pelo nickname... “ir para outros países no futuro”, “viajar pelo mundo”... então, eu acho que tem aí um misto de eles perceberem que inglês é a língua da globalização, é a língua internacional, pra se comunicar com varias outras culturas, e pensando que eles querem viajar e ter outras oportunidades fora do pais, eles entendem que aprender a língua é importante...

PR: sim

P: é... então assim, acho que eles entendem, sabem, ou pelo menos tem alguma noção sobre o porque deles estarem aprendendo inglês aqui... talvez eles ainda não consigam vivenciar muito essa visão, é uma coisa mais abstrata, mas está presente... acho interessante

PR: é interessante... ela não é minha aluna, mas acabei a conhecendo por causa da experiência com os gringos... Maria Eduarda é o nome dela... ela é amiga do menino que faz o clube de conversação...

Ele conta sobre uma menina que se interessou em fazer cursinho de inglês por causa da visita e das aulas de conversação do clube...

P: ok, agora a gente vai falar um pouquinho dos cartazes... eu queria que vc falasse sobre: os objetivos da atividade, se vc acha que eles foram alcançados (ou não)?

PR: acho que, parcialmente, sim, o objetivos foi, é lógico, uma questão de boas vindas pros professores, mas na verdade não foi só isso... cada um teve seu tema, então, era pra saber um pouco mais sobre cada professor... de que região ele vinha, de onde ele vinha, etc... enfim, conhecer um pouco mais a cultura, de onde cada professor vinha, ne... Nova Iorque e Los Angeles... e a partir disso, claro, né... que a pesquisa que eles fizeram foi bem básica, né... bem superficial... acho que não tem como colocar muita coisa... mas assim, a pesquisa foi para estimulá-los a fazerem perguntas, pros americanos e também pra que eles mostrassem pra esses visitantes, que eles soubessem um pouco mais sobre o país de onde eles estavam vindo... não é só aquela coisa de Estatua da Liberdade, Washington... aquela coisa sabe...

P: turística

PR: ... saber um pouquinho mais sobre os Estados Unidos, e assim, acho que nesse sentido foi atingido o objetivo né... e cada turma chega na sala e fala: “ah que legal”... e veem a própria atividade... o Tio Sam ali foi um aluno quem desenhou... eles comentam que ficou legal, ficou bacana né... então, nesse sentido acho que foi atingido...

P: então eles também, pensando na avaliação, ou na percepção dos alunos sobre essa atividade, também foi positivo...

PR: sim, sim

P: ninguém reclamou? Ninguém falou “ah professor...”

PR: sempre reclama né... enfim... só vai fazer o cartaz, não sei o que... perguntam qual é o objetivo, eu geralmente explico né... ai, aqueles que não prestam atenção eu explico novamente... O objetivo foi saber mais de onde os professores que vinham visitá-los vinham e aqueles temas que eles não pesquisaram, de uma turma ou de outras eles também iriam consultar os cartazes para saber um pouco mais sobre esses locais...

P: ok, que habilidades, conteúdos, conhecimentos já existentes os alunos usaram para desenvolver a atividade? E que novas habilidades, conteúdos, conhecimentos, foram desenvolvidos a partir dela?

PR: Bom, acho que as habilidades que eles já conhecem era relativo a música, músicas californianas, música da Califórnia, de NY, questão de times e esportes que eles gostam muito... então, tentei personalizar um pouco porque pra todos o mesmo tema ficaria repetitivo, não era essa a intenção... então, tentei trazer esportes, música, talvez geografia, que alguns também gostam... pontos turísticos, que eu vi que teria algo mais relacionado à vivência deles... e conhecimentos novos, acho que foi relacionado a questões novas como por exemplo, coisas folclóricas, comidas típicas, Mardi Grass, que eles nem sabiam o que era... então assim, aspectos culturais daquela região que eles acabaram desenvolvendo também...

P: os alunos que trabalharam com temas específicos, por exemplo, os alunos que trabalharam com a temática NY, eles tiveram oportunidade, ou eles olharam pros outros cartazes?

PR: sim, a maioria...

P: ou por exemplo, quem fez NY só entregou o cartaz e não deu muita importância pros outros

PR: não, de modo geral, além de entregar, e quando eles viram que a maioria dos cartazes estava exposta, eles procuravam olhar e comentar, ou às vezes me perguntar, já que são turmas diferentes, não tinha como falar com a pessoa que fez, perguntavam a mim... mas assim, geralmente, eles comentavam: “ah, que legal! Não conhecia o que isso era”

P: ok... situando esse trabalho numa aula de Língua Inglesa, que trabalho voltado para o uso da língua específica, o uso da LI, foi desenvolvido? Algum trabalho com a LI, eles chegaram a fazer? Ou a atividade visava outros objetivos?

PR: não, tanto que eu pedi não fosse escrito nada em inglês... o tema foi dado em inglês, então a maioria escreveu o tema em inglês, mas, especificamente, a língua não foi objetivo

P: a pesquisa foi feita em português

PR: em português, já que eles, assim... em geral, em português eles já tem uma dificuldade na escrita, então, por exemplo, eu não quis uma coisa tipo Control C, Control V, só colocando a informação em inglês... se copiassem ia ficar bonitinho, eu sei, mas eu também saberia que alguns teriam copiado e colado... ia ficar uma coisa meio estranha... Minha intenção é que eles fizessem a pesquisa em português e, é claro, dependendo do aluno, eles realmente, se interessariam por aquilo que estavam pesquisando, e, os outros colegas também, já que estaria em português eles não teriam a dificuldade de leitura, eles procurariam saber mais dos outros temas, de maneira mais... já que está na língua deles, de maneira mais atrativa pra eles... então, não foi esse meu objetivo não...

P: você acha que se tivesse pedido para eles fazerem a pesquisa usando textos em inglês eles teriam se distanciado mais da atividade?

PR: acho que sim... acho que talvez não teríamos tantos cartazes... né, até porque... alguns diziam "não consegui tal coisa" e eu dizia: "procura dessa forma"... então, eu acho que se fosse em inglês, para alguns ficaria menos original...

P: ... ou não faria tanto sentido pra eles...

PR: não faria tanto sentido pra eles... Ia ter erros assim, meio... até graves, algo que talvez não fizesse muito sentido com o Google Tradutor... é... eu preferi que não fosse dessa forma... eu preferi que fosse algo deles, mostrando também pros visitantes, essa relação um pouco da língua deles também... então, foi mais ou menos isso que pensei...

P: talvez também, o seu objetivo era bem especifico de familiarizá-los com um pouco da cultura dos americanos, né... prepará-los pra visita dos americanos...

PR: sim, o objetivo foi mais esse mesmo

P: e porque você pode ter outras preocupações... o livro, as avaliações, o conteúdo, propriamente dito... que você precisa trabalhar com eles né...

P: sim, sim... é claro que eles estão sendo avaliados pelo trabalho, mas assim, não coloquei uma grande parte da avaliação em cima disso... distribui 15 pontos, né... então, pra participação na semana da visita de um modo geral: interesse, pergunta, etc... e a outra parte realmente ficou com o cartaz: estética, a pesquisa em si...

PR: pontualidade na entrega...

P: também...

PR: algumas incoerências como principais times de baseball, ele colocou Boston Celtics, então... enfim... isso ai também conta

P: Wheber, aqui na escola tem laboratório de informática?

PR: sim, Lá embaixo

P: e ele funciona bem, com internet?

PR: a internet é um pouco instável...

P: você poderia contar, você poderia, por exemplo, planejar essa atividade pro laboratório? Você acha que ela daria certo?

PR: não...

P: a parte da pesquisa pelo menos?

PR: a pesquisa talvez sim, uhmm, mas como foi algo que eu queria que eles fizessem em grupo primeiro, e depois elaborassem o cartaz, primeiro... naquela época a gente estava sem monitor, de informática, né... então, a gente tinha que ir Lá, e, além de ajudar cada um a fazer a pesquisa, a gente teria também que fazer a questão da disciplina, "fulano, fecha o facebook!...", então, no ano passado, por exemplo, tinha o monitor, então eu levei pra fazer uma atividade lá... teve uma parte da minha avaliação que a gente fez lá no laboratório, a gente fez no Google docs, elaborei, eles tinham que entrar na página, e ir respondendo, e ai, depois cada um colocava o nome tal, e depois mandavam pra mim as respostas, via Excel, então eu vi que é difícil... eu vi que tem como fazer mas logo no começo a internet não estava muito legal, ai depois que melhorou um pouquinho, mas a gente viu que esse computador por exemplo não consegue, trava algumas páginas, então, o aluno tem como, por exemplo, sair da página, então, a gente não tem como colocar o aluno pra fazer só aquilo que ele tem que fazer... e como é turma grande, o laboratório é um espaço maior, então, a gente tem que ficar

vigiando... se for só o professor é mais complicado, com o monitor ele tem como olhar de forma geral, e assim, dá um pouco mais de trabalho,

P: a rede é aberta, é liberada? Eles podem visitar quaisquer sites?

PR: facebook, eu falei, mas eu acho que eles não conseguem entrar no Face...

P: as redes sociais...

PR: acho que é bloqueado... mas assim, qualquer outra coisa, eu acho que eles conseguem... teve problemas, problema não, né... mais a questão de você ter que vigiar o que eles estão fazendo... mas, com a pesquisa eu acho que seria mais tranquilo, dava pra fazer sim, só que eu quis que eles fizessem em grupos, até para eles fazerem uma troca de experiências, cada um faz...

P: mas eles poderiam continuar fazendo em grupos... acho que a gente pode tentar pensar em como essa atividade poderia ser realizada de forma mais complexa e mais 'tecnologizada', ou mais voltada pros 'Novos' Letramentos...

PR: uhum

P: ok, eles usaram práticas de letramento atuais... provavelmente a maior parte dessas pesquisas foi feita com uso da internet em casa, né... eu estava pensando em de repente usar, pedir mesmo para eles usarem o tradutor pra traduzir os textos, e daí, trazerem, eles podem de repente trazer os textos traduzidos pra sala, mas dai você teria que abandonar esse trabalho, né [aponto para os livros didáticos]... e não Tb até que ponto isso seria viável... mas, usar o tradutor, trazer esse texto traduzido, criticar esse texto traduzido pelo tradutor... faz sentido? Não faz? Como podemos melhorar esse texto? Mesmo que esse texto seja um texto em português, porque, talvez o texto em inglês para eles alterarem poderia ser mais complicado... mas também poderiam trabalhar em cima dele... numa atividade de tradução, de compreensão mesmo de um texto em inglês... você gostaria de tentar?

PR: tranquilo!

P: repensar essa atividade... não precisa ser pra agora... pro segundo semestre? Desenvolver uma nova pesquisa, trabalhando um pouco mais com a língua inglesa, e usando ou continuar usando a tecnologia...

PR: sim

P: até pensei, também não sei se estou pensando muito alto, mas eu acho que a agente precisa tentar, né? Dar um estímulo assim pra ver até que ponto a gente consegue ir... pensei em pedi-los ou sugerir que o "produto final" nem seja apresentado por meio de cartazes, mas por vídeos, apresentações orais gravadas, e depois cada aluno compartilharia sua apresentação... eles tem muita facilidade para fazer essas coisas... a gente é que...

PR: tende a...

P: a gente, da nossa geração, eu, pelo menos, nunca vou ter um canal no Youtube, mas esses meninos tem canais no Youtube... e eles usam mesmo, eles fazem vídeos, eles postam, e é uma brincadeira que pode ser bem usada na sala de aula, num contexto mais formal de educação... não sei, de repente a gente pode pensar junto, planejar e... eu poderia ir pro laboratório com você e fazer a parte de ajudar a monitorar, ajudar no trabalho com os textos, com a tradução, com a versão, até com a compreensão...

PR: sim, claro!

P: eu acho que seria interessante... mas é só uma sugestão, você não tem que... por que acho que ficou super bacana... você poderia até deixar os cartazes porque essa é a sua sala, uma sala ambiente... pode trazer uma identidade, mas talvez repensar, até para sentir como que eles respondem... porque a gente fica falando de novos letramentos, tecnologia, uso... etc... mas a gente não sabe ate que ponto isso pode ser 'realizável'... às vezes parece que é tudo muito utópico... eu mesmo acho que pode ser um idealismo que esta muito distante da práticas e das possibilidades, né...

PR: até que aqui eu acho que funciona... claro, existem alunos que podem achar mais complicado o uso da internet, mas a maioria tem como fazer, então, assim, acho que dá pra fazer sim, mesmo em grupo, teriam que se organizar pra isso, mas acho que dá sim... eles topariam

P: então a gente depois pensa em alguma coisa, ou para a próxima unidade ou para o próximo semestre, logo depois das férias...

Aula 08 Turma 12

O professor hoje começa a aula falando da visita dos professores estrangeiros (Adrian e Fernando), sentado na mesa, conversando com os alunos. A sala está bem vazia, com cerca de 15 alunos somente. Os alunos estão bem concentrados na conversa. Uma aluna logo pergunta

sobre o programa que trouxe os professores para a escola, sobre o objetivo do mesmo. O professor responde falando que o nome desse programa é "salas de aula globais" que tem como objetivo conectar salas de aula e professores de varias nacionalidades ao ensino americano, para que professores americanos tenham acesso e também compartilhem experiências de ensino. O professor fala de sua experiência no início desse ano como participante do programa ILEP em um intercâmbio de 4 meses nos EUA e diz que o programa dos professores estrangeiros é "irmão" do ILEP). Durante o tempo em que estão no Brasil, os estrangeiros visitam escolas em Vitória e na Bahia, dão aulas nas escolas visitadas e mantêm um blog sobre as experiências vivenciadas aqui. O professor fala de um possível trabalho de "*Bookclub*" com uma professora americana que também faz parte do programa "salas de aulas globais" a ser planejado e implementado em suas aulas.

Uma aluna pergunta "o que os visitantes acharam da gente?" e o professor diz que os professores perceberam semelhanças pois trabalham em escolas de periferia, de classe social baixa, mas que, apesar das semelhanças entre os alunos as escolas americanas em geral tem melhor infraestrutura do que as brasileiras pois lá há mais recursos e os mesmos são mais bem empregados mesmo no caso das escolas situadas em bairros e locais menos abastados.

O professor pergunta se algum dos alunos já tinha tido contato com falantes nativos do inglês antes e 7 disseram que sim, alguns pela experiência no CEI (centro estadual de idiomas). Em seguida, o professor começa a falar de estereótipos perguntando aos alunos se suas impressões acerca de estrangeiros, no caso específico, de americanos haviam mudado apos o contato com os dois visitantes. Um aluno, ou melhor, muitos alunos não conseguem responder a essa pergunta, e por isso o professor vai até o quadro e escreve a palavra 'estereótipos' pedindo que os alunos falem das características 'típicas' do povo americano, e os alunos começam a responder: "gordos, brancos, altos, ricos, egoístas, muito inteligentes" e uma aluna até questiona o termo "brancos" dizendo que na televisão ela vê muitos americanos negros, inclusive o presidente. Nessa hora o professor começa a analisar os termos mencionados pelos alunos dizendo: "ok, brancos, nem todos são, gordos, os dois visitantes não eram então, não podemos afirmar que todos os americanos são gordos, altos, talvez... os dois professores tinham pelo menos 1,80m de altura, então, os americanos podem ser mais altos do que os brasileiros mesmo..." o termo 'egoísta' não chega ser debatido, mas o 'muito inteligente' é defendido pelo professor com o seguinte argumento "sim, talvez, o Fernando era Mestre, tinha Mestrado, então, pode ser considerado mais inteligente mesmo..." confirmando a ideia estereotipada da aluna, equiparando inteligência à titulação.

A conversa sobre estereótipos segue com o professor dizendo que "estereótipos existem em todas as culturas" e pede que os alunos mencionem quais estereótipos seriam associados ao povo brasileiro. Os alunos prontamente respondem: "futebol, sol, praia, bebida, samba, Carnaval o ano inteiro, funk, pessoas com pouca roupa" mas diz que os americanos haviam confirmado que nada disso era 100% verdadeiro (o professor usa o termo "verdade").

Uma aluna pergunta o que os professores visitantes tinham achado da conversa em sala de aula e o professor regente diz que, segundo os estrangeiros, nos EUA também existe conversa paralela nas aulas, especialmente nesse faixa etária. Por fim, diz que a visita foi muito boa para quebrar os estereótipos (DE QUEM????) deles e nossos.

Mudando de assunto, o professor passa a chamar a atenção dos alunos para o fato de a língua inglesa estar bem próxima da realidade deles, referindo-se à visita como uma forma de fazer os alunos vivenciarem a experiência da globalização e do encontro com o falante nativo de maneira real, no "face a face". Diz a eles que falar inglês é uma possibilidade real para todos eles. Uma aluna diz que achou bem legal ver o professor usando a língua inglesa de forma tão fluente, e o professor diz que na sala de aula não consegue falar muito porque a maioria dos alunos não entenderia, mas afirma que "professor de escola pública também fala bem". A conversa leva uma aluna a criticar a prática comum de se ensinar o verbo *to be* todos os anos, perguntando "então, por que os professores ensinam tanto o verbo *to be*?" atribuindo o fato, talvez, à pouca competência comunicativa de alguns professores ou, talvez, à pouca capacidade dos aluno de aprender...

Ainda falando sobre experiências reais de uso da língua inglesa na escola, o professor menciona o clube de conversação liderado por um ex-aluno da escola que foi premiado pela Secretaria de Estado de Educação com um período de intercâmbio de 5 meses no Canadá. O professor parece estar seguindo minha recomendação de chamar a atenção dos alunos para os recentes eventos, na minha opinião, significativos, relacionados ao ensino de inglês naquela escola, sendo eles a visita, o clube de conversação, e a pesquisa por mim desenvolvida. Ele não menciona a pesquisa na conversa com os alunos mas parece estar tentando conscientizá-los da importância e da relevância de se saber inglês nos dias de hoje e de como a escola pode estar favorecendo essa visão.

O professor chama a atenção da turma para os cartazes, que foram confeccionados pelos alunos, afixados nas paredes, frutos da atividade que será avaliada para nota desse trimestre. Dois grupos falam de seus cartazes bem rapidamente, outros alunos não se manifestam. Ao serem indagados se haviam gostado da atividade, eles dizem que sim. Uma aluna diz: "esse

trabalho foi maldade porque só deixou a gente com vontade de ir nos lugares". O professor aponta para alguns lugares e diz que os professores visitantes moram perto daqueles locais, relacionando-os a vida dos estrangeiros. Ao falar de um dos cartazes, o professor fala do Havaí e do Alaska como sendo os dois estados americanos que não estão junto dos demais, e nesse momento a mesma aluna que se refere à atividade como uma "maldade" fala: "eu já fui no Havaí... fiz uma visitinha rápido no site" e ri de si mesma. Uma aluna pergunta "quem foi Tio Sam?" e o professor explica a origem do ícone. Terminam a conversa com o professor dizendo que vai avaliar o trabalho e a participação dos alunos nesse período em que seu trabalho foi direcionado para receber os estrangeiros em sua escola.

Por fim, a aluna que fala do Havaí e da 'maldade' e que geralmente não participa muito das aulas diz: "Gostei de ver o professor com os americanos! Você sabe bem!" e a aula termina com o professor contando um pouco de como aprendeu inglês. Uma aluna pergunta: "você ainda estuda?" e ele diz que pratica assistindo filmes, ouvindo musica... e é perguntado: "você entende um filme todo, sem dublagem nem legenda?" e falam um pouco de como filmes dublados são chatos e do quanto se perde ao dublar um filme.

Conversa gravada

P: Vamos lá, meninas, primeiro eu queria saber se vocês gostaram da atividade dos cartazes.

Suzana: sim

Lety: sim

Panda: sim

P: sim?

Lety: achei interessante

P: Achou interessante. Por que vc achou interessante?

Lety: por que é bom conhecer culturas, lugares

Suzana: porque é conhecimento, curiosidade nova...

Panda: ajuda a gente a aprender melhor as outras culturas, de outros países, de outros lugares, saber como as pessoas interagem com essas culturas... e, se caso, a gente se interessar, a gente já tem uma noção de como essas culturas... de como que é...

P: uhum... então, o que vcs aprenderam com essa atividade? O que vcs diriam que aprenderam? Cultura?

Suzana: que a gente não deve diferenciar outra pessoa, que a gente deve socializar com todas as pessoas

P: uhum... aspectos culturais?

Panda: na verdade, assim, cada um tem sua cultura né, então, é... a gente conhecendo essas culturas de outras pessoas, de outros lugares, a gente vai se acostumando, então é uma forma antes, é uma forma de aprendizado melhor... vc aprender melhor a cultura de outros países para ir se acostumando, que, cada pessoa tem sua cultura, cada lugar...

P: Isso, mas vcs não acham que aprendendo sobre a cultura de outra pessoa ou de outro país a gente pode aprender um pouco mais sobre a nossa?

Lety: sim, porque lá eles têm uma forma de pensar diferente e a gente de outro jeito, então, a gente aprende a ver coisas que a gente não sabia da gente e aprende coisas diferentes

P: isso, e faz a gente pensar na nossa própria forma de viver, né? Talvez esse nem fosse o objetivo da atividade mas, em algum momento, vcs podem ter chegado a esse entendimento...

Lety: na verdade, faz a gente repensar um pouco mais né... porque às vezes a gente vive numa cultura mas não pensa sobre ela... o que a gente está vivendo nessa cultura

P: e o que vcs acham que poderia ter sido diferente na atividade? Não no sentido de criticar dizendo que não foi legal, mas o que vcs acham que poderia ser diferente?

Suzana: mais dinâmica

P: o que é mais dinâmica pra vc?

Suzana: mais participação dos alunos, porque, tipo, ele só pediu pra entregar, colar na sala... podia ser apresentado, tipo... saber mesmo se o grupo estudou aquilo, se ela sabe, se conheceu, se explorou mais o assunto...

Lety: é... talvez numa roda com todo mundo falando...

P: num debate?

Panda: assim, os alunos fazem o trabalho mas... lê por ler e não sabe aquilo que esta lendo, então, como elas dizem, se fosse feito um debate ou uma apresentação, o aluno teria que ter estudado, aprender mais sobre aquele assunto, e talvez, ele ia se interessar de estudar outros assuntos, porque... às vezes, é... sem apresentação nenhuma o aluno pense que é só mais um trabalho feito e pronto... fez e entregou...

P: Control C, Control V

Panda: é!

Suzana: só a nota, o aluno esta visando só a nota.

Panda: tipo... fiz o trabalho, vou ganhar minha nota e pronto!

P: uhum...

Panda: só de ter feito o trabalho, e não ganham nota de participação realmente por estar apresentando

P: e vcs acham que a atividade poderia ter trabalhado um pouco mais a língua, inglesa?

Suzana: sim

Lety: com certeza!

P: como vcs acham que isso poderia acontecido?

Lety: Igual ele fez hoje, ele conversou com a gente, fez um debate, tirou dúvidas, explicou... eu gostei da aula de hoje!

P: a aula de hoje foi legal, né?

Lety: foi

Panda: foi

Suzana: uhum

01/07/2015

Aula 9 - Turma 12

A aula começa com o professor arrumando o material que será usado hoje: ppt, projetor e quadro, enquanto os alunos vão chegando. Começa chamando os alunos "Vamos lá galera!". Ele dá noticia dos americanos dizendo que Fernando já chegou em casa e mandou um abraço a todos e que Adrian ainda viaja. Uma aluna diz: "Que chique! O cara tem dinheiro para viajar para onde quiser".

A aula começa com o professor dizendo que o conteúdo de hoje será retomado da aula de antes dos cartazes e da visita, quando começou a ensinar o Passado Simples. Revisa as regras de terminação com o sufixo –ED para verbos regulares usando os verbos: work, like, play, study, open, stop. A turma está bem focada e engajada no conteúdo gramatical. O professor usa uma música do Coldplay (Paradise) para a primeira tarefa do dia: encontrar os verbos no passado que são usados na música, verbos regulares de preferência. Apesar de a música estar sendo tocada com volume baixo e com uma imagem fixa (não um vídeo clip) e de mostrar a letra da música pausadamente, os alunos parecem bem conectados, bem interessados e, em silêncio, realizam a tarefa. Mesmo assim, a maioria dos alunos não tem cadernos, livros, canetas ou lápis em suas mesas, alguns permanecem a aula inteira com as mochilas nas costas, da mesma forma como entraram na sala de aula uma vez que nessa escola os alunos mudam de sala a cada aula. Os meninos do fundo jogam cartas e hoje ha dois alunos na sala que andavam sumidos, um dos quais nem havia feito a atividade dos cartazes pois esta sempre ausente das aulas de inglês com a justificativa de ser do Grêmio Estudantil da escola.

A música é usada somente para expor os verbos no passado. Sua letra não é lida e nem sua história contada. No PPT o professor lembra das regras de acréscimo do sufixo –ed e lista alguns verbos para serem alterados: *Call, stay, live, try, stop, open*. Vai explicando as regras de ortografia baseadas nas silabas tônicas e a turma continua bem concentrada. Ninguém forma frases ou tenta usar os verbos em contextos mais comunicativos ou significativos: estudam as regras totalmente fora de contexto, tendo sido a música um possível recurso contextual, mas, que não foi explorado.

Apos revisar a forma dos verbos, o professor fala das expressões de tempo geralmente usadas com o passado simples: *ago, last, past, yesterday, the day before, in + year*. O slide seguinte mostra a forma negativa e o professor enfatiza o *didn't*, avançando para o slide 4 que mostra a estrutura negativa com o *didn't*. Nesses dois slides usa-se o verbo *study* e a famosa lista dos

pronomes, sem frases significativas ou próximas da vivencia e da realidade dos alunos. Mesmo assim, eles parecem estar prestando atenção e assim a aula termina. O professor faz a chamada.

Gravação alunos 01/07/2015

P: Então, hoje a aula foi basicamente a música e o quadro... os recursos que o professor usou foram a música e o quadro que tinha o mesmo conteúdo do projetor. O que vcs acharam da aula de hoje?

D: eu gosto de aula assim

P: vc gosta de aula assim?

H: a aula hoje... parece que a aula foi... tiveram mais alunos prestando atenção na aula do que...

P: também achei. Por que vcs acham?

D: Chama mais atenção... eu acho, tipo assim, o professor Wheber sempre faz isso com a gente... pras turmas dele ele sempre faz igual ao que ele fez hoje... ele traz musica. No primeiro trimestre ele trouxe uma musica... teve uma matéria la que a gente estudou e ele gravou lá no youtube... eu acho melhor porque tipo... a gente consegue aprender mais porque não fica aquele trem chato dele lá explicando ... Inglês, como a gente sabe que na escola ele não é tão assim... igual nas outras escolas particulares e tudo... e os próprios professores falam bem dele porque nunca viram professor igual a ele... porque a maioria ensina só o verbo *to be* e ele não... ele pelo menos tenta ensinar... é mais por desinteresse dos alunos mesmo... e assim, ele sempre faz esses "trem" diferente que eu acho melhor pra fixar na mente da gente... a gente tá cansado de ficar aqui ouvindo aquelas explicação de inglês...

H: ele interage mais com a gente...

D: ele interage mais com a gente mesmo... ele traz música, ai a gente grava, aprende... ele sempre esta revisando também o que já ensinou... é bom

P: Então, a música foi usada mais como um recurso para vcs identificarem os verbos no passado, ne? Acho que funcionou bem... Vcs gostariam de ter trabalhado a musica de outra forma? Ou pensam num trabalho com a musica de outra forma?

D: eu penso...

P: como, por exemplo?

D: eu acho legal trazer musica, é... tipo assim...

P: fazer o que com a musica?

H: usa ela em todas as... (inaudível)... tem varias palavras lá, vários verbos que assim, da pra gente estudar pela música... isso sempre vai chamar o aluno

D: igual quando ele falou quando eu falei o negocio da música ele falou que acha interessante quando a gente aprende... porque a gente muito com música, a gente escuta muita música assim, de língua inglesa... a gente acaba aprendendo, mas é... eu sou curioso, vou olhar a tradução e acabo aprendendo... Então, enquanto der pra colocar a música na matéria vai ficar legal porque vai ser um 'trem' que a gente não vai ficar só na escola... igual, se ele trabalhar essas músicas atuais a gente vive escutando essas músicas... rádio passa toda hora, ou seja, sempre vai tá revisando com aquilo...

H: vc vai ouvir a musica e vai lembrar...

D: toda vez que eu ouvir aquela musica vou lembrar dos verbos... risos

P: e do elefantinho... não era um elefante? (refiro-me a imagem projetada junto com a música)

H: era

P: e a leitura do texto da música, assim... o que música está querendo dizer... a ideia que a música esta passando... o conteúdo assim... vcs gostam de fazer exercício de leitura com música?

D: com música eu acho legal! Eu não gosto assim... já tive professor que passa textos gigantes, igual aqueles contos mesmo que a gente lê em português em inglês e a gente tem que ler... a gente vê as letras lá e vai juntando, sem entender vc lê, mas de música é diferente pq vc conhece a musica que a professor está passando então vc vai ter mais ou menos uma noção e vc vai aprender....

P: e se ele trouxesse uma música que vcs não conhecessem? Por exemplo de uma banda dos anos 80?

H: dependendo seria legal também

P: poderia ser legal também...

D: igual música de banda country... essas eu acho legal, banda americana

P: e um outro recurso que não fosse a música pra vcs tb identificarem também os verbos? Um vídeo...

H: um vídeo seria legal Tb... o episódio de uma série...

D: ou um seriado

P: ou uma página da internet?

H: página da internet não acho tão legal não...

D: ou até mesmo... depende do que vai ser a página, né? Mas assim... uma coisa que eu achava impossível era... que eu era de Minas e lá não chegava filme dublado, dublado não, legendado...

P: legendado

D: isso, legendado... ai eu só fui ver filme legendado aqui... eu achava impressionante ver filme legendado, passava muito rápido, mas... filme legendado eu acharia legal também, não é difícil... vc entende perfeitamente o que o ator esta falando... as palavras em inglês, e com a tradução embaixo... igual a do cinema, ai eu acho fácil Tb...

08/07/2015

Aula 10

10:19 Professor espera os alunos chegarem na porta da sala. Enquanto isso a turma conversa. Um aluno de outra turma pede para assistir aula pois esta "de aula vaga".

O prof inicia a aula retomando o exercício que fez na aula anterior, mas que, para alguns, não foi corrigido (o prof costuma corrigir cadernos um por um, dando visto para avalia-los depois). O exercício tinha como objetivo praticar as regras do passado simples e a correção hoje é feita no quadro. O primeiro exercício era das formas do afirmativo, o segundo trabalhava a negativas e o terceiro a interrogativa.

Muitos alunos (a maioria) estão sem cadernos nas carteiras, cadernos nas mochilas, que, de alguns, ainda estão presas nas costas. Vejo somente 3 ou 4 alunos com cadernos nas carteiras acompanhando a correção. O professor reforça as regras de spelling e pouco trabalha os sentidos das frases. Pelo que vejo no quadro, as frases estão bem descontextualizadas (ex: *Jack didn't arrive home late / Did Bill and Sarah call the Police?*)

Um aluno parece estar bem focado e engajado e é para ele que o professor se dirige na maior parte do tempo. Encerra a correção perguntando se há duvidas e vai logo apagando o quadro. Uma aluna pede que ele não apague e ele diz que essa correção já havia sido feita na aula passada, ou seja, a aula de hoje foi uma repetição da correção já feita na aula anterior.

O professor diz que na semana que vem o recesso (férias) começa e que se encontrarão novamente em 15 dias. Ele incentiva os alunos a darem uma revisada na matéria para na volta estudarem os verbos irregulares. Vendo que ainda restavam alguns minutos de aula, ele escreve no quadro os verbos *BE, HAVE, GO, EAT, DRINK* e começa a traduzi-los e a apresentar as formas do passado simples. As explicações são bem claras mas nada contextualizadas. No final da aula, o prof conversa com alguns alunos de forma descontraída e amigável.

P: meninas, falem pra mim um pouquinho do que vcs acharam da aula de hj...

Silêncio

P: vcs prestaram atenção? Não precisa mentir pq eu Tb já não prestei atenção... risos

Bia: No final eu prestei

Rafmaf: é... no final tinha uma matéria mais importante... porque tipo, ele tinha passado essa matéria antes, já tínhamos iniciado já... ele só revisou hoje o que ele já tinha passado

P: então hoje foi uma revisão do que ele tinha feito na aula passada, né... foi ontem a aula passada? O que ele fez hoje foi mais ou menos o que ele fez ontem...

Rafmaf: foi praticamente uma revisão, a correção do que ele já tinha feito já... mas quando ele pega nosso caderno ele já corrige o que está errado, o que está certo... e hoje ele corrigiu pra todo mundo que não fez

P: entendi... é... se essa não tivesse sido uma aula tão parecida com a aula de ontem, vc teria prestado mais atenção? Vc gosta desse tipo de aula?

Rafmaf: acho bacana

P: aula de gramática?

Rafmaf: é... não... mais ou menos

P: Vcs gostam?

Bia: é vergonhoso mas...

P: não precisa ter vergonha de nada! Eu já fui dessa idade também e já não prestei atenção em aula... risos

Bia: eu prefiro fazer aula teórica

P: por quê?

Rafmaf: eu gosto também quando ele passa um texto e ensina pra gente como se fala... eu prefiro essas aulas do que as de gramática

P: então vc gosta de uma coisa mais contextualizada?

Rafmaf: é...

P: quando vc vê a língua em uso, ne? Por que às vezes a gramática, ou a aula que é só de gramática ela fica um pouco abstrata, ne, assim... os exemplos às vezes não são exemplos que tem a ver, por exemplo, com vcs... ou que interessam...

Rafmaf: é... mais ou menos isso

P: é? Não tem que concordar comigo não... se vcs acharem...

Bia: texto é mais legal do que só gramática assim... é menos enjoativo...

P: agora, o pessoal presta mais atenção e colabora mais na aula de gramática ou na aula de texto?

Bia: na aula de texto

Rafmaf: não! Na aula de texto o pessoal fica falando muito... ele parou de dar aula de texto por causa disso... pq as pessoas ficam falando muito...

Bia: sério?

Rafmaf: ano passado era a mesma coisa

Bia: eu não tive aula com ele no ano passado... a gente tinha aula de texto, no projetor...

P: E o texto do livro? Vcs não usam muito o livro didático...

Rafmaf: às vezes a gente usa... quando ele passa slide mesmo a gente usa o livro.

P: uhumm... e a aula de música da semana passada? Que usou a música pra trabalhar os verbos?

Rafmaf: realmente, gostei!

P: foi boa?

Rafmaf: a gente conseguiu identificar mais as coisas... os verbos...

P: e vcs gostariam de ter lido a letra da música? Traduzido e falado sobre ela?

Bia: até que sim... seria legal

Rafmaf: se ele fizesse pelo menos uma aula com a leitura e a tradução dela e como falar ela, eu acho que seria bem legal!

Bia: ele ia passando os slides e a gente cantando...

P: é... muito embora a tradução já esteja na internet...

Rafmaf: é, mas na aula seria diferente... pq ele falando pra gente é bem diferente

29/07/2015

A aula de hoje será feita no auditório onde os alunos assistirão a uma palestra sobre educação profissional promovida por um Instituto e encaminhada pela Secretaria de Estado de Educação. O título é "A Importância da qualificação para o mercado de trabalho" e seu objetivo era divulgar um curso de introdução ao mercado de trabalho capixaba tratando de assuntos gerais e introdutórios referentes às áreas da Logística, Gestão Empresarial, Recursos Humanos e Marketing, áreas que necessitam de mão de obra qualificada mesmo em tempos de crise. O palestrante pede que não seja interrompido durante sua fala e diz que perguntas poderão ser feitas ao final da apresentação. Pergunta se todos concordam com essa dinâmica e ninguém se opõe.

Ao apresentar slides com imagens ilustrativas do conteúdo a ser abordado, o palestrante diz que o mercado capixaba carece de mão de obra qualificada, fala de crescimento econômico no Brasil e diz que os alunos ali presentes estão "no lugar, no momento e na idade certa" para começarem a pensar em seus futuros profissionais e em como se inserirem nesse mercado. Fala de apagão de mão de obra, do aumento de jovens em posições de destaque em empresas, da necessidade de se pensar estrategicamente e de se ter objetivo e de se traçar caminhos que levem à realização de tais objetivos. Em seguida fala de ambição e de sucesso profissional, dizendo que quem tem ambição chega a lugares mais altos nas empresas e na vida. Acrescenta que quem não se preocupa com a sua vida profissional poderá ver as consequências disso no futuro e afirma que já passou da hora dos alunos começarem a pensar em suas vidas profissionais.

Antes de passar para o último slide da apresentação, lança a pergunta: "Qual é o seu objetivo profissional e o que você tem feito para atingi-lo?". Finaliza a apresentação enfatizando que "o sucesso só depende de você", ou seja, dos alunos ali presentes. Ao final da apresentação, o palestrante diz que vai distribuir oportunidades aos alunos ali presentes de cursarem o referido curso por meio de bolsas a serem distribuídas para aqueles que estiverem interessados no mesmo. Pede que os interessados levantem suas mãos e 40 alunos (de aproximadamente 60) levantam suas mãos. Depois, refaz a pergunta dizendo que os interessados deverão se dedicar e se comprometer com a oportunidade (além de terem que pagar R$ 98,00 de mensalidade por 12 meses), pedindo que levantem as mãos novamente. 30 levantam. Em seguida, começa a distribuir os vouchers que darão direito a isenção de matricula no curso de forma aleatória, entregando para alguns e não para outros, sem fazer qualquer tipo de pergunta, seleção, dinâmica, ou ate mesmo sorteio que justifique que alguns sejam contemplados e outros não,

simplesmente ignorando parte dos alunos que se mostraram interessados e seduzidos pela apresentação do curso.

Conversa gravada

P. Gente, vamos lá... queria que vcs me falassem sobre o que acharam da palestra que ouviram agora, o que vcs acharam dela em termos gerais, como vcs acham que a palestra pode influenciar na vida de vcs hoje?

Silêncio...

D. Pode falar Bia

Bia. Risos... pode falar Daniel... obrigada, muito obrigada... risos

D. vou responder então... eu achei bacana a palestra... é... a proposta, não sei se foi da FDV, mas eu achei bacana essa palestra pra explicar porque, igual, a gente viu durante a hora que ele fez as perguntas lá... primeiro ele falou pra levantar a mão, depois ele falou de novo e uns dez abaixou (sic)... é... a gente, igual ele falou, que a gente está na idade certa, na hora mesmo de pensar... eu penso nisso direto e converso isso demais com a minha avo... por isso que eu gostei da palestra, porque concordo com varias coisas que ele falou... Porque a gente fica muito naquela teoria assim, tá cedo, só vou estudar, essa coisa assim... mas a gente esquece que passa muito rápido e quando a gente vê a gente já está naquela situação assim o que é que a gente vai fazer... e fica aquela confusão... e por causa dessa dúvida a gente acaba fazendo a escolha errada. Que foi o que a gente viu ali que muita gente levantou a mão... e essa palestra foi boa porque assim, ela não ajuda assim 100% porque a gente ainda não esta naquela... não foi falando de profissões, mas de modo geral ela, tipo assim, ajuda a gente no sentido de estudar mais as oportunidades, e aproveitar aquelas que convém a gente e que vai contribuir pro nosso crescimento profissional... Eu gostei por causa disso...

P. uhum

D. E a outra parte é o que? (refere-se a segunda parte da pergunta)

P. Como ela pode influenciar na sua vida hoje... Acho que vc já falou, né... fazendo pensar mesmo que o futuro não esta tão distante assim de vcs...

D. tá mais perto e fazendo a gente refletir sobre as propostas e agarrar elas com unhas e dentes... e tudo o que a gente puder que vai contribuir para o nosso crescimento profissional...

P. uhum... então todo mundo aqui gostou da palestra?

Rafmaf. Sim

Lety. Sim

P. muito? O que a palestra trouxe foi novidade pra vcs?

Lety. Não, pra mim não... Porque eu escuto bastante isso do meu pai ainda, na minha cabeça, falando muito... e eu penso né ... e eu espero que dê certo...

D. eu fico até... da até vontade de chorar quando eu escuto vc falando isso porque eu não tenho essa figura na minha vida... mas eu escuto isso La na empresa em que eu trabalho, eles conversam muito comigo porque eles sabem da minha história e tudo... ai, a minha coordenadora, minha analista, elas conversam muito comigo a respeito disso que ele falou, pra eu pensar bastante no caminho que quero seguir... então, não foi tão novidade pra mim não...

Rafmaf. Assim, pra mim foi um pouco de novidade porque eu, tipo assim, nunca tinha tanta palestra assim pra mim e isso meio que abriu nossos olhos pra mostrar assim, que é importante agora... Então, acho que foi bom, que esclareceu um pouco o que está acontecendo...

P. no dia a dia da escola vcs não tem esse tipo de assunto então... nas aulas, algum professor fala?

Rafmaf. É, mais ou menos, assim... alguns professores falam mas é bem raro, então... não é muita coisa, não é muito frequente...

D. Eu gostaria muito que tivesse esse tipo de oficinas, de profissão, eu fiz ate a proposta na minha chapa que não ganhou... mas é...

Professora que está escutando a conversa fala "tinha que falar da chapa dele, né..."

D. ... que não ganhou, porque se tivesse a gente ia fazer mais palestras... mas eu acho que... mas eu gostaria que tivesse... eu sempre falei desde que eu comecei a ter... desde que eu comecei a fazer campanha eu propus isso porque, igual ele falou, eu acredito que a gente está no momento certo... igual, eu não acho certo... eu não posso ir contra, cada um tem a sua opinião, mas eu fico meio assim quando as pessoas falam assim... "ah, tenho que só estudar agora"... tipo assim, que ainda esta tarde (sic) pra mim pensar nisso... mas é... passa muito

rápido... tipo ontem eu estava no primeiro ano, hoje eu estou no segundo, amanha já vou estar no terceiro, depois a faculdade e eu vou querer me formar em que?

Rafmaf. Igual mesmo ele falou, depois de cinco anos, aonde vamos estar e tal?... eu fiquei pensando, daqui a cinco anos, aonde eu vou estar... eu vou estar com 21 anos então, no caso, eu vou estar na faculdade ainda... eu não vou estar tipo numa profissão boa realmente porque eu vou estar estudando... assim, eu vou ter que trabalhar pra sustentar a minha profissão, o que eu quero...

P. e vc já sabe, vc pensa já em alguma profissão?

Rafmaf. Não...

Bia. E a psicologia?

Rafmaf. Tô pensando por enquanto em Psicologia mas ainda não consegui decidir realmente qual a faculdade que quero cursar...

D. Eu desde pequeno tenho vontade de fazer artes cênicas, ou, alguma coisa ligada a isso... publicidade, marketing, ou jornalismo, ou essas coisas assim... mas eu tava conversando com a minha avó porque eu sou uma pessoa que... de conteúdo eu sou muito fraco... eu sou muito empurrado... minha mãe ficava internada e minha avó ficava com ela e eu fui muito empurrado mesmo... eu sou muito fraco... mas se Deus permitisse assim, se estudasse bastante e passasse no Enem com uma nota alta, pra escolher cursos disputados, eu não trocaria fazer medicina por artes cênicas, porque todo mundo fala que eu levo jeito e eu sei também que eu levo jeito, mas eu não trocaria... eu até faria artes cênicas futuramente, mas se eu pudesse escolher medicina eu faria medicina.

P. porque você acha que o mercado para um médico é mais favorável do que para um artista?

D. Não... porque...

P. porque você acha que tem esse dom também, tem essa vocação e pode se dar bem nessa profissão também?

D. a questão do mercado eu não acho que seja tão favorável ao artista... ou melhor, pro medico... por que o artista assim, pode ser que ele não seja de novela, mas ele pode fazer peça... assim, claro que não vai ganhar tão bem. O medico... sei lá, eu sempre tive muita vontade de cuidar de pessoas... quando eu era pequeno eu falava com a minha vó que eu queria ser cardiologista pra cuidar do coração dela... dai, eu sempre tive vontade de ser medico e ator também... mas, se eu pudesse escolher medicina eu faria medicina...

P. Ok, E você, já pensou na sua profissão?

Lety. Relações Internacionais, eu pensei... em viajar... nossa, eu queria muito!

D. Turista... interagir com as pessoas... ne...

Lety. Aprender... eu quero muito aprender inglês já... ou espanhol...

D. aqui todo mundo quer aprender inglês né... enquanto na Europa esta todo mundo cansado de estudar...

Rafmaf. É que o inglês, como é a língua mundial...

P. gente, o que mais marcou, o que mais chamou a atenção de vcs na palestra? O que mais te marcou Lety?

Lety. O que mais me marcou?

P. O que mais chamou sua atenção... a reflexão?

Lety. É... que ele fez todo mundo pensar, né...

Rafmaf. O que você queria realmente ser... o que você não tinha pensado... na primeira parte que ele falou "você que não sabe... é qualquer coisa que você quer" e eu meio que não concordei muito bem porque eu não quero qualquer coisa... eu quero uma coisa mas não sei exatamente que coisa é essa... mesmo assim, deu pra gente pensar um pouco em que coisa realmente queremos ser... pra não se arrepender depois, né... porque pode ser complicado...

P. Mas a metáfora do caminho que ele usou é interessante né... quando você não sabe pra onde você quer ir, qualquer caminho pode te levar a algum lugar... você vai no acaso ne... agora, quando você sabe onde você quer chegar, você pode planejar um pouco melhor, né...

Rafmaf. Você pode até agarrar algumas oportunidades mas depois deixar e voltar a seguir seu caminho...

D. a parte que mais me marcou... eu também achei interessante essa parte do caminho, qualquer caminho pode te levar se você não tem um destino, qualquer lugar que você for esta ótimo, mas se você tem destino, você sabe o caminho que você quer seguir... se você quer ser Gestor, você tem que fazer gestão empresarial se não é impossível... menos se você for amigo de um deputado e querer entrar numa escola pública como diretor, ai ele te coloca... como acontece em várias escolas que a gente conhece por ai...

P. Bia, alguma coisa que te chamou mais a atenção?

Bia. O que me chamou mais atenção foi... na verdade não foi um ponto positivo mas um ponto negativo... que ele falou muito dessa questão de ir pra frente, de pensar no futuro e tal, mas muita gente não realmente pensa muita coisa, por exemplo, muita gente quer ser cantor, muita gente quer ser guitarrista de uma banda, ou quer ser ator, mas não corre atrás... então ele não motivou a gente... ele motivou a gente a procurar empregos que vão dar pura segurança... emprego de executivo, mas ele não falou de sonhos... porque acima de qualquer trabalho você tem que sonhar...

P. dai... a gente pode até falar, pular essa pergunta e falar da terceira que é do que não gostou... o que você menos gostou foi que ele não falou de uma outra coisa que pode motivar que são os sonhos... né... ele falou de uma vontade mais voltada para o mercado de trabalho, para o ganho material, de capital, para o mercado de trabalho que, geralmente, trabalha com a lógica do lucro, da produtividade e da produção, que é uma coisa que se distancia um pouco do sonho do artista que quer viver de cantar, que quer viver de arte, e talvez não esteja tão preocupado com a questão financeira... e isso nos leva pra quarta pergunta "qual o objetivo da palestra na opinião de vocês? O que esta por trás dessa apresentação, dessa palestra?"

D. eu gostei muito da palestra mas eu acho... assim... pela empresa que eu trabalho eu vejo como que o jogo de marketing deles, como que é parecido por diversos treinamentos, por congressos, assim... eu acho muito parecido... muito muito mesmo, eu acho que por traz de tudo o objetivo mesmo era divulgar a faculdade, ne... porque na hora que ele foi falar da faculdade ele disse que era um local mais avançado... querendo fazer o marketing da faculdade também... porque, igual ele falou, não esta sendo divulgado em todo lugar e esse curso muita gente faz porque tem mercado pra isso... logística, então, nem se fala... então são cursos que todo mundo procura se quer trabalhar em executivo... e são cursos caros ne... realmente, pra que esta ganhando a bolsa, do jeito que foi ganhado, é claro que vc vai sair daqui falando pra todo mundo... então você meio que faz uma propaganda da faculdade também...

Bia. Estava bem na cara mesmo... falando da faculdade...

(...)

P. mas vocês gostaram da forma com que as bolsas foram distribuídas?

D. não gostei não... acho que tinha que ter mais oportunidade... pq mesmo quem ficou com a mão levantada ate o final... pode ser que não...

P. vocês ganharam?

Bia. Eu levantei a mão primeiro, depois eu pensei no que eu queria seguir e... abaixei

Rafmaf. Eu pensei mais nos estudos, estou pensando mais nos estudos do que nessa coisa de profissionalismo...

P. e vocês acreditam na fala dele de que... concordam quando ele diz que o sucesso só depende de vocês?

Lety. Com certeza!

D. Eu não concordo plenamente...

Bia. Também tem essa questão dos outros, por exemplo... o que ele quer seguir depende muito mais dos outros do que dele

P. Por que?

D. por exemplo, assim, meio a meio... se eu quero ser um ator da novela das nove... vai depender de mim porque tem vários atores que não fez faculdade de artes cênicas, que não fez faculdade de musica mas que tem talento pra fazer determinado tipo de coisa no mundo artístico... ai depende da pessoa também... a pessoa tem um jeito, tem a coisa voltada pro publico, mas assim, não depende só de mim... eu posso ter o maior sucesso, posso ser o maior sucesso, mas vai depender de alguém... o sucesso não é só meu... se eu tiver sucesso eu entro.... não...

P. sim pq para você ter sucesso você vai depender de alguém gostar de você... você vai depender desse olhar de outra pessoa que vai te aprovar ou não, né... talvez o que você esteja querendo dizer é que talvez você não precise de uma preparação tão especifica, de alguém que te prepare para ser ator... o que também pode não ser verdade... muitos atores fazem sim cursos, mas pra gente ser alguém a gente sempre precisa de um outro para olhar pra gente e dizer como que a gente é... não é?

D. e isso não é só no meio artístico não, no mercado de trabalho também... eu vejo muito disso...

P. até mesmo se a gente pensar nas oportunidades ou nas bolsas que foram distribuídas La... não dependia só de vocês... tinha gente com a mão levantada que não conseguiu a bolsa... então, assim, se dependesse só de vocês, todos teriam conseguido mas não depende só de vocês...

Bia. Ele simplesmente entregou? A gente levantou e ele entregou para qualquer um?

Lety. Eu achei muito fácil também... eu achei que ele ia fazer perguntas pra nos, perguntar as coisas pra ver se a gente... sei La...

P. uma entrevista, uma dinâmica...

Lety? Mas foi muito fácil!! Ele foi só entregando e escolhendo

P. então não depende só de vocês, depende de ele te selecionar e também da questão financeira, de você ter os 98 reais para pagar todo mês? Acho que a taxa de matrícula para quem ganho a bolsa esta isenta... mas os 98 reais tem que ser pagos todo mês... e para pagar vai depender de quem?

Lety. De mim, eu trabalho!

P. você trabalha, e quem não trabalha? Do pai, da mãe...

P. são vários fatores... não é só a pessoa... por exemplo, Você quer ser ator... se você morasse no Rio de Janeiro você teria muito mais oportunidade de sucesso do que morando aqui em Vitoria, onde o mercado é restrito... então, você tem que fazer um esforço muito maior porque você está nesse situação especifica e no Brasil a gente tem situações muito diferentes umas das outras né... dentro da sala de aula temos pessoas e situações completamente diferentes, então... o sucesso depende mesmo só de vocês? Mas não é por isso que você pode deixar de se esforçar... mas sozinho, ninguém consegue realizar nada... não é?

05/08/2015

Aula 13 – ABL

9:45 – Chego na sala e o professor já esta com a aula preparada para introduzir e apresentar a atividade sobre estereótipos aos alunos. No quadro, a palavra estereótipos esta escrita e um vídeo também pronto para ser exibido. A aula inicia mais cedo hoje pois haverá formação para os professores no final da manha. Há poucos alunos na sala, cerca de 10, mas depois chegam mais umas 5 meninas.

O professor inicia sua fala dizendo que para o terceiro trimestre, que vale 40 pontos, os alunos deverão fazer uma atividade no laboratório de informática, com pesquisa e uso de tradutores on-line para entenderem o tema "estereótipos" e gravarem um vídeo sobre ele. Explica o que são estereótipos, mas antes pergunta se alguém sabe o que a palavra significa. Ninguém responde e então, ele passa a perguntar individualmente eliciando de alguns alunos o que eles já sabem. Um menino, Ryan, que geralmente senta atrás e joga cartas a aula inteira, reponde e o professor finaliza esse momento relacionando o termo `a questão dos preconceitos. Muitos alunos ainda estão dispersos e parecem não estar ouvindo o professor.

Em seguida, o professor escreve no quadro que o trabalho que farão se baseará em estereótipos comumente relacionados a Brasileiros por Americanos e vice-versa. Explica que os alunos trabalharão em grupos de 3 e fala que deverão fazer um vídeo. Ninguém se opõe e nem questiona, parecem não ter dúvidas. Continua falando sobre como o trabalho será realizado e de como o conteúdo será trabalhado e estudado. Para engajar mais os alunos ele exibe um vídeo contendo imagens e música (não contém texto escrito e nem oral) sobre estereótipos associados ao povo e à cultura Brasileira. Ao terminar o vídeo, Ryan exclama: "negro, pobre, burro, e jogador de futebol"!

O professor usa o termo "representação" e fala de como a mídia pode influenciar na repercussão dessas imagens. Diz que o trabalho será compartilhado com alunos americanos para mostrar a eles que essas imagens não procedem "que não somos assim".

O professor fala do novo aplicativo do Google Tradutor que será usado como ferramenta de tradução e apresenta também o vídeo referente ao novo aplicativo. Os alunos amam e testam usando o celular de uma aluna. Parecem bem interessados mas não comentam muito sobre a atividade. O professor pergunta se há dúvidas e não apresenta o cronograma. Os alunos não fazem pergunta alguma.

Na segunda parte da aula o professor retoma o planejamento já em andamento e revisa os verbos irregulares apresentando outro vídeo com um hip hop. Hoje a aula foi bastante visual!!

17/08/2015

Aula 1 da Intervenção – no laboratório de informática

Professor escreve o cronograma no quadro e fala das orientações para a atividade. Alunos chegam mais rapidamente nessa aula porque não estão vindo do recreio. Há novos alunos na turma.

A internet está bem lenta "vai cair toda hora" segundo o monitor, Lucas. Ele fica sentado e não ajuda muito...

Professor inicia o trabalho retomando o tema "estereótipos" falando sobre os americanos e brasileiros. Fala do cronograma da atividade e ninguém questiona. Lê as orientações que sugeri para o trabalho e pede informações sobre o grupo no FB da turma para que possa enviar material para eles.

Os problemas com a conexão continuam e libero a rede do meu celular para que possam acessar com os computadores, mas, pouco adianta porque são muitas máquinas para uma rede fraca. Na iminência de não podermos contar com a rede do laboratório (e da escola) para darmos andamento ao que foi planejado, sugiro ao professor que imprima os textos e os traga na próxima aula, assegurando assim que a aula não seja perdida por causa da falha da rede. O professor concorda e repassa essa possibilidade para os alunos, ainda os pede que baixem o tradutor em seus celulares caso o problema com a rede persista na próxima aula.

Enquanto a rede não funciona e alguns tentam conectar suas máquinas com a rede do meu celular, muitos jogam. Nos computadores da escola ha vários jogos que podem ser usados sem rede. Mais meninos jogam do que meninas, e ao menos, alguma interação acontece entre os membros dos grupos via jogos.

O professor não reage contra os grupos que jogam e também não parece estar muito preocupado em adaptar aquilo que planejamos frente aos desafios que encontramos hoje, no primeiro dia da atividade. Me preocupo por não ter pensado em um plano B mas, de acordo com o professor, o laboratório funcionaria bem quando o perguntei a respeito.

Faltando cerca de 10 minutos para o fim da aula, a rede volta a funcionar, mas, vários grupos continuam jogando – nem tentam acessar a rede! E o professor não controlou... Parece que a atividade ainda não conseguiu engajá-los de fato – talvez por causa das condições iniciais ou porque precisavam de um "*prompt*" mais eficaz...

Percebo que Rafmaf esta bem engajada, assim como o grupo de Lety. Bia e Suzana também, junto com Maria Julia. Um dos grupos já testa o app e vê que dá certo.

24/08/2015

Conversa sobre Intervenção – Primeira semana

P: Ok, Wheber, primeiro gostaria da saber das suas primeiras impressões quanto a essa atividade de intervenção... você acha que os alunos aceitaram bem, você percebe que eles estão engajados na atividade, nas tarefas?

PR: é, assim, como em todo trabalho, enfim, qq coisa que a gente tenha que pedir para os alunos fazerem, existem sempre aqueles que se dispõem a fazer e outros que não estão muito ai... então, nesse trabalho, não achei diferente né... principalmente logo na primeira turma, que foi o 2M12, eu vi, acho que, meio a meio, né... parte do grupo interessado, então assim, grupos interessados em fazer e... o problema maior acho que foi a internet mesmo... mas, mesmo assim eles estavam interessados... e parte que não estava interessado ou pouco interessado...

P: Por que você acha que esses alunos ainda estão pouco interessados? Você acha que esses vão sempre ser "pouco interessados"?

PR: Não... acho que... é... depende muito assim da... temática, do que os afeta, assim... eu sei que alguns eu acho que realmente estão desinteressados em relação ao contexto escolar... na verdade, não é só em relação a minha disciplina... acho que de uma maneira geral, está aqui cumprindo um ritual, na verdade, né... algo obrigatório ou compulsório... então, provavelmente, na maioria das vezes ele vai reagir assim, não só na minha matéria, mas Tb em relação a outras... Outros não se sentem motivados pela temática, né... e tem aqueles que mesmo que não gostem, já estão interessados mesmo, é... naturalmente.... então, eu acho que isso tudo depende da personalidade, de como ele encara, né...

P: Ok. O que você acha que poderia ter sido feito de outra forma, ou, melhorado, ou, o que você apontaria como algo negativo até o momento?

PR: é, acho que logo na primeira aula, foi a questão da internet mesmo, né... aqui na escola ela é um pouco instável... é... então, como a gente precisava da ferramenta para pesquisar, e ate para o tradutor, assim.., isso é algo que às vezes desmotiva, né ... às vezes eles querem fazer mas pela lentidão da internet eles ficam um pouco desmotivados... então, assim, eu acho que a ideia é legal e o que não funcionou talvez seja a questão da internet... que a gente não tem como esperar tanto... por isso que eu já pedi que baixassem o Google tradutor pra que a gente usasse se a internet não ajudasse tanto... nesse caso... mas, enfim, acho que isso foi o

que ficou mais a desejar um pouquinho, não é algo que os alunos e que eu temos como prever...

P: Vc já ouviu colegas aqui da escola dizerem que não planejam atividades no laboratório por causa da internet?

PR: Sim, há uma certa... os professores tendem a evitar né... o laboratório por essa questão, porque a internet realmente não é muito boa, ela é instável, então eles evitam... eu já fiz no ano passado um trabalho com eles com uma atividade usando o Googledocs que eu preparei, lógico, em casa, e eles respondiam no laboratório, né... então eles gostaram muito... tem como imprimir o que cada um colocou, mas, realmente, assim, eu tive problema nas primeiras aulas também, ate a internet funcionar, mas eu... eu assim, eu tento, né... por mais que seja difícil, se a gente também for ver só a questão da dificuldade, você não vai conseguir também saber se vai dar certo ou não... foi uma coisa legal... eu avaliei a atividade e eles gostaram... então, assim, foi bacana... os professores pensam em não ir porque, justamente, vc viu a questão... são , sei lá, uns 18, 20 computadores mas só 10 funcionam... então tem essa questão também.

P: Talvez a gente até possa usar o Googledoc de novo pra fazer a avaliação do final da intervenção, o que você acha?

PR: sim, sim... interessante...

P: se você acha que deu certo no ano passado, a gente pode tentar incorporar isso...

PR: é rapidinho, é só responder e já vai direto pro meu email... é interessante... ao invés de deixar eles só escreverem... fica mais interessante...

P: E o que você ressaltaria como positivo?

PR: Positivo é... os grupos né... me perguntando assim... se ... acho que não foi no 12... alguns textos assim, o que eles acharam “professor, é isso aqui...” e tal... e eu olhava o título, e dizia “o tema é esse, agora veja se é interessante”... e tal... por parte de alguns grupos né... o interesse surgiu...

P: você percebeu o engajamento deles mesmo... com a atividade, né...

PR: é, de uma certa forma... então, assim, é lógico que a gente não tem como esperar uma adesão de assim, 70-80% dos alunos, mas aqueles que você consegue atingir você, né... já fica satisfeito...

P: Já traz um retorno positivo...

PR: é... eu tenho a completa noção de que não é possível atingir todos, mas assim, numa sala de quarenta, atingindo 5, enfim... eu não tenho um número assim, que pretendo atingir, mas se eu vejo que pelo menos eu estou atingindo algum ou alguns, seja quem for, mas, pelo menos é um trabalho feito, é um trabalho que está sendo positivo

P: sim, sim, claro... Eles fizeram alguns comentários sobre a atividade, depois da aula? Ou antes da aula começar? Ou ainda não?

PR: O que geralmente eles comentam é sobre o objetivos, né... da atividade... mas o que tem que fazer...

P: ou fora da sala de aula "legal professor" ou "ah, professor, não dá pra gente vir pro laboratório..." comentários informais...

PR: porque assim, quando acontece isso, é, porque, é complicado, porque como eles estão transitando entre aulas, eles às vezes não tem tanta oportunidade de conversar... então... eles descem pro laboratório, dai bate o sinal e eles tem que ir para uma outra aula... Mas, por exemplo, a própria aluna que depois, no final da aula veio conversar a respeito do vídeo, de como seria feito, se estava bacana... então, eu achei isso legal, de ela querer colocar criatividade no vídeo, então, isso eu acho que foi bacana...

P: Mas isso também é uma coisa que a gente pode fazer no inicio de cada aula, ou no final da segunda aula da semana, de repente fazer uma... dar uma recapitulada "gente, e ai, o que vocês acham que foi positivo, ou, que a gente pode fazer diferente" e talvez a gente consiga incorporar essas sugestões na semana seguinte, né... não sei, também se a gente precisa disso, mas se a agente quiser um pouco mais de respaldo, um feedback deles pra gente continuar ou repensar algum procedimento, de repente a gente pode pensar em fazer pras próximas aulas... E agora, sobre as alterações, você já pensou, já fez ou faria alguma alteração ao que foi planejado inicialmente?

PR: eu não planejei... eu quero ver agora como é que vai ser o lance da tradução pra ver se serão necessárias algumas alterações, mas, por enquanto, não acho necessário... então, eu estou ansioso para ver a resposta deles quanto à tradução... como eles vão reagir... alguns já reagiram quando eu mostrei o tradutor para alguns... acho que você estava presente... a Suzana falou que o Google tradutor não vê o verbo... enfim,

P: ela deve ter testado em casa né...

PR: então eu achei interessante essa questão... não foi só ela, acho que em outras salas também os alunos se manifestaram dizendo “ah, mas no tradutor sai tudo errado!!” e aí, eu falei... bom, lembra... eu já havia trabalhado com eles essa questão da tradução e toquei no assunto do tradutor que, dependendo do banco de dados, ele vai te dar aquela definição pra palavra, mas, algumas palavras tem várias definições, então, cabe a gente saber qual seria a definição...

P: é, agora eu acho que a preocupação é mais até com o texto do que com o vocabulário, assim... de repente, se a ferramenta do Google que lê, se essa nova versão do tradutor não funcionar, acho que também é super válido trabalhar com trechos do texto, copiar e colar trechos no tradutor tradicional, analisar, fazer uma análise crítica do uso da ferramenta e da linguagem mesmo, como ela aparece ali... pela tradução. Acho um exercício bacana, qualquer coisa que conseguirmos fazer vai acrescentar e trazer alguma reflexão pra eles... E o que você prevê ai pras próximas aulas? Acha que do jeito que a gente planejou vai dar certo?

PR: por enquanto sim, como eu falei, né... vamos ver como vai ficar a tradução ou se vamos ter que fazer alguma alteração nesse estagio aí... a minha previsão é que depois desse trabalho com a tradução, eles entendam o tema, enfim, realmente, leiam os textos e tentem entender realmente o tema para que consigam fazer um vídeo bacana... então eu acho que a parte mais interessante pra eles deve ser a questão do vídeo, de sentar em grupo, pensar numa ideia legal... então eu acho que vai vir coisas bacanas, eu espero que eles realmente consigam entender a ideia... é ate uma coisa Tb pra conversar durante as aulas...

P: sim, eu acho que a gente não pode pressupor que pela pesquisa que eles estão fazendo e pelas leituras que eles vão conseguir chegar a uma entendimento mais crítico mesmo né... da questão dos estereótipos... talvez alguns sim, outros não... eu acho que a gente pode, sim, a cada aula, reforçar alguns conceitos tentando desconstruir outros, né... e colocá-los mesmo para conversar... eu acho que uma das aulas que eu observei aqui com essa turma, que mais eu percebi o engajamento, foi na aula sobre os americanos, depois que eles foram embora, em que você realmente estavam conversando... por que eu acho que a gente, professor, esta muito preocupado em “passar a matéria” , em ensinar, em trabalhar com os conteúdos e... não consegue trazer o aluno pra conversa mesmo, da sala de aula, né... A sala de aula, a educação, ela acontece pela comunicação, então, se a comunicação não estiver bem estabelecida ou bem equilibrada, né... isso certamente gera consequências depois, né...

PR: claro

P: então, como a gente está nessa dinâmica de trabalho em grupo né... essa coisa menos tradicional, acho que a gente pode investir mais na ideia da conversa, sabe, do diálogo, até mesmo porque, se a gente está falando de preconceito a gente não pode falar dele sem estabelecer um diálogo...

PR: claro

P: então, eu acho que aqui, nessa previsão pras próximas aulas, acabou me ocorrendo aqui agora, a gente pode investir mais na questão do dialogo, da conversa, e, pensar mesmo em como trabalhar essa criticidade, como fazer com que os alunos percebam a questão do preconceito, dos estereótipos, né... e como ...

PR: sim... eu achei legal que no 2M9, na aula de quinta-feira, eu acho, eles acharam um texto e tinha a tradução, eles colocaram a tradução ou coisa assim, e dai aqueles estereótipos assim: a capital é Buenos Aires, macaco na rua... enfim, eles conversando e foi uma coisa engraçada, né... e aí eles falaram "professor, que isso!!" e não sei o que... falamos espanhol...

P: indignados, né...

PR: é a questão assim, realmente do estereótipo exagerado... de fazer com que eles pensem a respeito né... existem muitas coisas que os estereótipos dizem ser verdadeiras, por um certo lado, outros, realmente assim, generaliza um certo grupo, e é uma coisa que a gente tem que desconstruir né... a gente tem que mostrar que não é assim também... mas foi bacana porque eles viram o texto e deu nisso...

P: então, você está desenvolvendo a atividade com todos os seus segundos anos?

PR: vou, vou fazer pra ver o que cada sala produz também, pra ver o que cada grupo vai delineando... mas... como eu vou, como eu já estabeleci com o 2M12 como trabalho do 3º. Trimestre, eu decidi expandir pra todos

P:Claro!

PR: pros terceiros é mais complicado por que é uma aula só... então eu vou trabalhar com uma outra temática, mas com os segundos

P: é uma chance de você ir aprimorando também! O que deu certo numa aula você consegue levar já pra outra, e o que não deu você...

PR: não... é, eu pensei em fazer com todo mundo porque se uma turma sabe o que uma turma está fazendo pode parecer que estou privilegiando uma turma em detrimento da outra... Não

por isso, não meu preocupo com isso não... mas eu acho que já que eu vou trabalhar com uma turma, vou trabalhar com outras pra ver o que vai sair...

P: Claro, só vai enriquecer a experiência!

Aula

Professor escreve no quadro orientações para a tarefa de hoje no laboratório (fazer a tradução dos textos escolhidos na pesquisa usando o Google Tradutor online a partir da tradução, os alunos devem trabalhar no entendimento do assunto e começar a construir seus argumentos para o texto do vídeo) – Ele introduz a aula e relembra a visita dos Americanos para revisar o tema.

Reorganiza grupos e máquinas, mas sou eu quem toma nota da formação dos grupos e os orienta na pesquisa e na construção dos sentidos a partir dos textos que escolheram. Percebo que muitos textos são definições retiradas de dicionários ou enciclopédias online. Alguns alunos perguntam: "professor, o que é pra fazer com a tradução?"; "o que que eu faço agora?" Pareciam estar inseguros ou confusos com as instruções e o desenvolvimento da tarefa.

Enquanto circulo pela sala, o professor aproveita para dar visto e avaliar os cadernos para fechar as notas do trimestre. Ele não circula pela sala... Percebo que alguns grupos estão aumentando seu número de participantes mas ele não percebe, ou, não parece estar incomodado com isso... Me dirijo a um desses grupos e oriento-os a produzirem dois vídeos, como se estivessem em dois grupos, mas "autorizo-os" a trabalharem em um grande grupo (6 alunos!!! – em uma única máquina...). Circulo mais um pouco e saio com a impressão de que os alunos não estão tão interessados ou preocupados assim com as explicações, orientações ou mesmo com a avaliação daquilo que estão a produzir...

Ao final da aula, o professor fala um pouco mais sobre a próxima aula, fala da importância da leitura e do entendimento do conteúdo do texto para que possam formular um argumento e planejarem o texto dos vídeos que irão gravar. Ele fala que o tradutor será novamente usado para transformar o texto por eles escrito para inglês, uma vez que os vídeos deverão ser apresentados em inglês. Ninguém reclama ou discorda... Aparentemente, todos darão conta do recado... O professor e eu falamos que a questão dos estereótipos não precisa se restringir a nacionalidades, mas que qualquer rótulo pode representar um estereótipo ou um pré-conceito com relação a um indivíduo, a uma cultura, ou a uma instituição... Usei como exemplo a

escola pública: como a escola pública é vista pela sociedade, como o aluno da escola publica é reconhecido, etc...

26/08/2015

A aula inicia com um pouco de atraso e não será no Laboratório. O professor inicia a aula fazendo a chamada e retomando um pouco do trabalho que esta sendo feito. Fala que hoje os grupos começarão a pensar no texto e no argumento que desejam para o vídeo "qualquer dúvida, é só me perguntar!" – Não conversa com os alunos para trocar ideias sobre o que encontraram ou aprenderam pelas pesquisas e não consegue ter acesso ao que os grupos leram ou traduziram no laboratório.

O professor circula e diz que vai querer que os grupos entreguem alguma coisa no final da aula, mas, não cobra de todos os grupos quando a aula termina. Somente um grupo entrega uma folha com algo escrito. Sugiro que ele passe nos grupos e converse sobre a pesquisa, o que o grupo pretende fazer... Ele vai. Eu também vou. Ele volta pra sua mesa e sua pauta. Não escreve as instruções no quadro, não cobra nada dos alunos... Alguns alunos estão sem seus grupos e dormem. Outros conversam... Alguns grupos parecem bem envolvidos com a tarefa do dia.

Ao passar nos grupos veja que alguns grupos estão um pouco perdidos ainda, sem saber o que devem fazer pra aula de hoje ou nem o que devem apresentar no final da intervenção. Fico curiosa pensando no que isso tudo vai dar...

ENTREVISTAS SOBRE INTERVENÇÃO

Maju: Bom, eu acho que o trabalho está sendo bem produtivo, eu não tinha a noção de como os americanos pensavam dos brasileiros e nem como os brasileiros pensavam dos americanos, esse estereótipo todo... e tipo, a evolução que estou vendo é legal do trabalho... acho que é só...

Rafmaf: ah, eu acho que assim, o trabalho tá sendo evoluído de uma forma bem legal, porque a gente tá conhecendo outros estereótipos, outras formas de pensar, como os americanos pensam os brasileiros e como os brasileiros pensam os americanos... sei lá, em geral... e como realmente a gente vai descobrir que nem tudo... todos esses estereótipos são reais... eu acho isso bem legal...

Maju: é, porque, tipo, nem tudo isso é a realidade... igual, nem todo brasileiro gosta de samba, nem todo brasileiro gosta da cultura do seu próprio país... então são vários estereótipos que são meio que mentira, são falsos, então, eu acho que é bem legal porque a gente muda nossa forma de pensar sobre as outras culturas de outras pessoas que às vezes nem é a realidade...

Rafmaf: tipo, o que vai dar nisso tudo... eu acho super legal o resultado porque como vai ser vídeo, é tipo... a expectativa e a realidade... o nosso por exemplo vai ser bem legal porque as pessoas vão ver realmente o que está acontecendo....

Maju: é, tipo, vão ver que nem tudo que a gente acha, ou que a gente pensa é a realidade... a gente, eu acho, que a gente tem que investigar um pouquinho mais sobre o estereótipo pra gente ver a realidade da coisa, nem tudo que mostram pra gente é a realidade, a gente acaba criando um pré-conceito errado...

Rafmaf: sem esquecer também que, tipo, a gente vai aprender um pouco mais do inglês, porque só da gente ficar digitando pra saber como é a cultura deles, como eles são realmente...

Maju: e como a gente vai ter que traduzir tudo pro inglês, e passar pro português também, a gente vai aprender um pouco mais do inglês e vai ser bem divertido!

Rafmaf: é, super legal!

Maju: e a questão do vídeo vai ser bem legal... vou rir muito

Rafmaf: as pessoas fazendo o vídeo, assim... vão ser bem legais...

Soldado: bem, eu acho importante e... eu acho muito importante porque além de exercitar o aluno...

L: começa de novo porque não ficou bom!

Soldado: eu acho muito importante porque além de mostrar ao aluno só como se escreve, também força ele a falar e aprender as pronúncias das palavras e... é isso ai...

P: você acha que você está fazendo alguma coisa diferente do que você costuma fazer nas aulas e na escola?

Soldado: uh... sim...

P: e isso deixa a experiência da escola mais interessante? Ou menos interessante?

Soldado: deixa mais interessante porque abre nossa cabeça pra, tipo assim, quando tiver em casa assim, essas coisas... tiver assistindo filme, as piadas, entende mais as piadas americanas...

P: ok

L: eu achei fabuloso... rsrsrsrs... porque eu gosto dessas coisas diferentes, que estimulam a gente a pesquisar novas culturas, sabe, pesquisar mais sobre a vida das pessoas lá fora e também, interessa mais a gente a falar inglês porque eu vou falar inglês no vídeo, sabe?

P: e qual é a importância, pra vc, de aprender sobre outras culturas? Por que que é importante?

L: porque aprender já é importante, e principalmente outras culturas porque é algo muito incrível!! Eu acho maravilhoso, sabe... porque estimula a gente a querer descobrir mais coisas, da muita vontade de ir pra lá, sabe? Pesquisar, principalmente assim... conviver com as pessoas de lá... porque são tão diferentes, né? E ao mesmo tempo tão incrível!

P: e o que vocês acham que poderia ter sido diferente? Que não foi tão legal assim na atividade até agora?

L: bom, o que não foi legal... (pausa)... Foi interessante até agora...

P: é?

L: até agora tá bom

Soldado: eu também acho

P: e o que vocês acham que pode ser mais complicado, ou mais interessante daqui pra frente?

L: o mais complicado vai ser fazer as pessoas tímidas aparecerem... isso pra mim vai ser a coisa mais difícil... de resto vai ser tudo bom!

Soldado: e pra mim vai ser mais interessante fazer as aulas de “conversation” em inglês mesmo

P: uhmmm... vc participa do clube de conversação?

Soldado: fui nas primeiras aulas... e de vez em quando eu vou ainda...

P: vc faz inglês fora?

Soldado: Já fiz... hoje eu só estudo por fora, em casa...

L: também já fiz, só que eu sai... rsrsrs

Grupo Lety: Texto escrito – não quiseram gravar entrevista

O trabalho foi uma ótima opção. A única coisa que não ajudou muito foi a internet. Mas, do resto estou gostando muito, espero que meu trabalho fique legal.

31/08/2015

Hoje sento na frente da sala, ao lado da mesa do professor. Percebo que os alunos estão mais receptivos e simpáticos pois muitos me cumprimentam ou sorriem para mim. Os alunos se sentam dispersamente – perto de seus grupos mas os grupos estão distantes uns dos outros. Quatro alunas pedem para ir ao banheiro no início da aula e são autorizadas.

Sugiro que o professor escreva no quadro as datas do planejamento para as semanas que restam, para que os alunos se conscientizem mais a respeito de seus planejamentos. Ele inicia a aula e segue o planejamento que sugeri para hoje baseado na leitura de alguns dos textos sugeridos para o projeto que, na minha percepção, foram muito pouco aproveitados nas aulas do laboratório. Naquelas aulas, percebi que os alunos, quando leram algo, focaram mais na leitura de definições e nos vídeos do que na compreensão dos mesmos e de suas características. Também senti falta de uma leitura guiada pelo professor, com perguntas e questionamentos que os fizessem refletir e debater a questão. Penso que a autonomia e a agência que havia vislumbrado para a leitura e o uso da tecnologia não são características desse grupo de alunos, especialmente no que concerne sua vida acadêmica e sua relação com os conteúdos da escola, e, com isso, acredito que a intervenção possa despertar no professor a grande necessidade de rever esses conceitos e práticas. Também enfatizo a importância do diálogo com os alunos e relembro a ocasião em que ao conversar com a turma sobre a visita dos americanos, percebi os alunos bastante participativos e engajados na comunicação.

Em seus grupos, os alunos lêem o primeiro texto e são incentivados a usar o aplicativo do tradutor que já deveriam ter instalado em seus celulares. Vejo que somente duas alunas o fazem, e com isso, empresto meu celular para um outro grupo. As alunas experienciam o aplicativo e percebem que a tradução não soa tão bem... Logo depois, elas me devolvem o celular e o professor também não faz mais menção a ele para as leituras que seguem. Os alunos parecem estar lendo o texto, mas, logo vejo que não estão se esmerando tanto assim na tarefa... talvez estejam falando sobre outros assuntos... Daniel, um aluno que estava ausente da escola por algumas semanas e que não sabia do projeto, pergunta "o que são estereótipos" (!!) pois além de ter perdido as aulas, estava com a colega no celular, com fone no ouvido, provavelmente fazendo qualquer outra coisa...

Durante a conversa, MaJu diz que não vê vantagens nos estereótipos pois eles criam pré-conceitos ou pré-julgamentos. Linda fala que o estereótipo faz julgar alguém por uma única característica, referindo-se ao caráter generalizados dessa prática cultural. Rafmaf também

participa do debate. Nesse momento o professor cita o exemplo do Brasil nos anos 60-70 quando era reconhecido como "paraíso social" onde aparentemente não havia preconceito explícito, entendido como um país onde não havia preconceito. Maju fala do preconceito associado a culturas e o professor exemplifica o caso dos muçulmanos hoje, que, numa visão estereotipada são considerados todos terroristas.

Para a leitura do segundo texto, o professor não pede que eles leiam sozinhos, mas vai lendo e traduzindo junto com eles. Escreve no quadro I am _____, so I must be _____, reproduzindo o argumento da imagem. Ao perguntar se alguém se identifica com algumas das situações, por exemplo, "I am skinny, so I must be anorexic", "I am blonde, so I must be stupid" ou "I wear hair extensions, so I must be fake", os alunos riem... Alguns alunos, ainda assim, continuam desengajados, cabeças abaixadas, ou totalmente quietos.

Ao ler o terceiro texto, alguns alunos riem e reagem, mostrando indignação ou identificando-se... O texto fala que brasileiros estão sempre rindo, parecem ser muito felizes... e percebo que Suzana discorda.

Por fim, o professor lê e traduz o quarto texto, e os alunos vão construindo sentidos junto com o professor. O texto menciona a depilação brasileira, e aproveito para explicá-los a diferença entre os costumes americanos e os brasileiros nesse sentido. Enquanto falo, todos parecem ouvir, curiosos e espantados com o que digo. Falo de minha experiência como intercambista e eles parecem se interessar, comparando nossos hábitos com os deles.

Ao final da aula, vejo que os alunos estão começando a se perceber e a repensar a questão dos estereótipos, e assim, aproveito para sugerir que eles reflitam mais durante essas semanas que ainda restam até que finalizem e apresentem seus vídeos sobre dois sentidos que percebo estarem ligados ao entendimento que eles têm construído da questão: a **vitimização** ligada aos estereótipos que tentam nos rotular e os quais desejamos desconstruir x a **reprodução** de estereótipos por nós mesmos, ou seja, como nós também contribuímos para reproduzir preconceitos e julgar os outros. Relato uma situação que me aconteceu no dia anterior a aula para mostrá-los que estamos constantemente julgando o outro e, talvez, contribuindo para uma sociedade menos tolerante e mais preconceituosa.

Text 1

Defining Stereotype:

A widely held but fixed and oversimplified image or idea of a particular type of person or thing;

a generalization or exaggerated and distorted conception of a group (Dictionary.com)

Racial Stereotypes are thus over-generalized qualities assigned to groups of people based on their race, culture, or ethnicity.

Why Do We Stereotype?

Stereotyping arises out of the need to generalize in order to make sense out of a very complicated environment. It allows people to easily categorize new things into comfortable spaces already defined by their experiences. We stereotype people when we are unable or unwilling to obtain all of the information we need to make a fair judgement about people or situations (Maddox, 2006).

http://imnotwhoyouthinkiamstereotypes.weebly.com/

Perguntas para discussão:

Quais seriam as vantagens e desvantagens dos estereótipos?

Que tipos de conflitos as visões estereotipadas podem causar?

Text 2

https://ladyrika.files.wordpress.com/2013/07/stereotypes-21.jpg

Perguntas para discussão:

O que a imagem te faz pensar? Que reflexão você faz a partir dela?

Como a escola pode combater a formação ou a reprodução de estereótipos como esses?

Text 3

Some of the conclusions derived from research on a big scale, with tourists and travel agencies abroad

- Nature is Brazil's main attraction
- 86% of those who have already visited the country want to return
- 99% of them would recommend Brazil to friends
- The country is too large to be seen on a single trip
- But only Rio de Janeiro, Carnival and Foz do Iguaçu are well known
- 50% of foreign tourism operators wish to have more information about the country
- Brazil has an image associated with joyfulness and seems to be eternally celebrating

http://www.cbi.cnptia.embrapa.br/spschool/think.php

Pergunta:

Que contra-argumentos você poderia expor em seu vídeo para combater a imagem divulgada pela pesquisa?

Text 4

15 Ridiculous Things People Say When They Find Out You're Brazilian

"Are you from Rio or São Paulo?"

“And you're probably a really great dancer too, right?" You must be really good at soccer..."

"Do you speak Brazilian?"

“Oops, I meant Spanish..."

“The capital of Brazil is Rio, right?"

“Sambaaaa." "Riooooo." "Peléééé."

"Oh yeah, you guys hate Argentina!"

“I love Brazilian food. Can you cook [Feijoada]?"

“Really? You don't look Brazilian. I thought maybe you were [insert other nationality here]."

“That's so cool, so do you see monkeys just running up and down the streets and stuff?"

"Why is your English so good?"

“Oooo, as in Carnival?" "As in Brazilian waxes?" "As in really small bikinis?"

“How exotic!"

“I love Brazilians, you guys are always so happy."

So no matter how you respond upon meeting us, there's a big chance that we'll still love you anyway!

http://www.huffingtonpost.com/2014/02/12/brazilian-stereotypes-reactions_n_4760578.html

Perguntas:

O que essas frases representam para você e para a nossa cultura? Você se vê representado nelas?

Que razões poderiam explicar essas visões/falas?

02/09/2015

Hoje a aula será conduzida a partir de vídeos sobre o tema dos estereótipos, todos eles sugeridos e coletados pelo professor. Há somente 15 alunos na sala.

O primeiro vídeo é brevemente apresentado pelo professor, mas, ao exibi-lo, o computador trava e com isso o professor explica a narrativa e pede para os alunos identificarem os estereótipos que nele apareciam. Não reflete muito, apresenta e confere as respostas. Sem muito debate...

No segundo vídeo também não há debate e as perguntas de interpretação ou que poderiam servir como guia na compreensão do mesmo não são expostas no quadro e nem copiadas pelos alunos. O professor explica fatos e passagens do vídeo, mas novamente falha em discuti-lo.

O terceiro vídeo era um trecho de um episódio dos Simpsons no Brasil, cheio de estereótipos. Também falha em aprofundar a discussão e promover rupturas. Também poderia ter usado os vídeos de forma mais sistematizada para auxiliar os aprendizes na construção de seus argumentos que serão expostos e fundamentarão os vídeos que deverão apresentar.

10/09/2015

P: vamos lá meninas, o que vocês têm achado do trabalho com o tema estereótipo? Vocês acham que tem acrescentado? Como vocês acham que esse trabalho tem mudado a vida de vocês fora e dentro da escola? Alguém já parou pra pensar?

Bia: Bom, eu acho que ele joga... agora com o que ele mostrou... joga bem na nossa cara... a gente já sabia, só que falar é sempre mais difícil, assim, meio que de aceitar... é verdade o que ele está falando... deu pra entender mais ou menos?

P: ele que você diz é o professor ou os vídeos, os textos?

Bia: os vídeos, as pesquisas...

P: isso

Bia: a gente já sabia que isso é real, só que falar pra gente, assim, essas coisas tornam tudo mais real, assim... ah, isso é verdade, isso acontece mesmo

P: você se enxerga , você se vê nesses textos? Nessa realidade que os textos mostram?

Bia: não... entendeu... é só uma imagem mesmo...

P: mas ela existe

Bia: ela existe, mas... sei lá, é mais imagem do que real

Rafmaf: tipo, não é tão frequente quanto eles pensam... é mais ou menos de vez em quando que isso acontece... tipo Carnaval, não é sempre que tem Carnaval no Brasil... (inaudível)

P: Vocês têm parado pra pensar na questão do preconceito?

Silêncio

P: porque o tema do estereótipo fala de preconceito, não é? De uma imagem que é construída e que rotula uma cultura, um povo, um grupo, ume pessoa... Vocês concordam? Já tinham parado pra pensar nisso? O que que tem surgido aí na cabeça de vocês?

Silêncio (13 segundos se passam, ninguém assume o turno)

P: vocês já se sentiram vítimas de preconceito? De qualquer forma, não é exatamente o preconceito que a gente esta falando sobre o estereótipo do Brasileiro e do Americano, não... vocês já se sentiram vitima de preconceito?

Lety: sim

Bia: sim

P: então vamos lá, cada uma fala um pouquinho do preconceito específico ou da situação específica que fez você se sentir vítima de preconceito...

(sete segundos se passam)

P: qualquer coisa!

D: eu sou magra, eu sou muito magra, então, é... como eles colocam a mulher brasileira como "gostosa", então falam que a D (menina que fala aqui) não é brasileira porque ela é seca... (risos)

P: ahan

D: (risos)... Isso é, assim, uma forma de preconceito... eu não acho legal mas eu relevo, né... porque se você for levar tudo em consideração ... mas isso é muito, muito ruim

Rafmaf: fora do Brasil você ouve falar que as brasileiras têm peitão, daí te olha e vê que você não tem... (risos)...

D: então você nasceu no lugar errado... é assim!

P: ok, quem mais?

Lety: por me chamarem de Olivia Palito...

P: ih, eu também! (Risos)

Lety: eu tinha mania de sentar assim, mas eu virava as pernas todinhas assim... rodava... aí, todo mundo ficava me chamando de Olívia Palito...

D: é isso mesmo! Nossa, você de frente é magra, de lado não da nem pra ver... (risos)

Lety: é horrível...

P: mas existem vantagens também, né?! De ser magra... depois vai envelhecendo e a tendência é sempre tomar mais corpo... difícil a mulher envelhecer e continuar 'magrela'...

P: e algum outro tipo de preconceito?

Bia: eu já sofri porque eu sou muito branquela, era loira de olho azul... dai falavam "você tem cara ou de americana ou de alemã... coisa assim... e era muito chato, porque eu não gosto, eu gosto de ser brasileira

P: você gosta de ser brasileira?

Bia: não... (risos)

P: mas também não queria ser americana nem alemã...

Bia: tô bem aqui... tá tranquilo... a gente acostuma com o tempo, mas é chato as pessoas ficarem sempre falando a mesma coisa... gh de manha por exemplo, eles estavam falando de cor de pele ai a menina que nem parecia brasileira começou a apontar pra mim... R é a que mais fala de mim, dessa questão de cor...

P: de piadinha?

Rafmaf: Claro, tem que zoar as amigas! (Risos)

Rafmaf: meu preconceito era do cabelo enrolado... eu tinha cabelo muito enrolado e era muito alta, então, as pessoas tinham costume de me chamar de bruxinha... por que me chamavam de bruxinha? Isso era horrível, era muito chato...

Duda: isso ai já é rotina pra mim... (risos)... mas eu não ligo, eu amo meu cabelo!

P: Lety, vc também gosta dos seus cachinhos... eles estão sempre arrumadinhos, né?

Lety: é... mais ou menos...

P: Rafmaf também está sempre com ele preso... vocês são meninas vaidosas... Então, nós falamos sobre preconceito com relação a aparência física, né? O cabelo, a magreza, a cor da pele... sobre a pele poderia até ser um tipo de preconceito racial, mas eu acho que não chega a ser sério não... só uma brincadeira mesmo, né?

Bia: só brincadeira de amiga...

P: porque você foge do estereótipo do brasileiro, né, Bia? Agora, vocês percebem ou tem percebido nesses últimos dias que estamos trabalhando com o tema dos estereótipos e do preconceito, já pararam pra pensar em momentos em que vocês tem atitudes preconceituosas com relação ao outro?

Bia: sim, questão de funkeiro... porque é assim, a gente acostuma com uma cultura fora do pais, ai, no inicio do ano a gente já tem o carnaval, ai depois tem campeonato de futebol... ai a gente que esta tão acostumada com coisas de fora parece que tudo que é dentro, aqui, é ruim

P: mas de onde vem “essas coisas de fora”?

Bia: é música, artistas, atores...

P: e como que você tem contato com tudo isso?

Bia: internet, com certeza

P: então você se acostuma com essa outra cultura e quando você tem que participar ou fazer parte da sua própria você acha ...

Bia: acho estranho

P: isso te incomoda?

Bia: Não, não me incomoda porque eu gosto de Carnaval...

P: mas você critica?

Bia: não critico mas eu acho estranho... porque é até um certo preconceito as pessoas, por exemplo, elas estarem criticando... por exemplo, quer ver um preconceito muito comum? As pessoas estarem criticando meninas que estão com shortinho curto andando na rua, aí, no sambódromo, elas estão praticamente nuas, eles acham... eu acho muito estranho, então, pra mim é um preconceito muito grande... que brasileiro tem com o próprio brasileiro

Rafmaf: tem outra coisa... quando você esta no ônibus, chega uma pessoa vestida meio funkeira, por exemplo...

Bia: você já fica com medo de ser assaltada...

Rafmaf: ...ai você já guarda o celular... geralmente isso acontece muito...

Lety: eu não sei se isso é um preconceito... (risos)... mas, minha mãe quando estava estendendo roupa ela tem uns pregadores que são mais novos, que são brancos e uns que são mais escuros, que são os pretinhos... (risos) e eu estava ajudando ela a estender roupa ai eu comecei a pegar os brancos ... eu não queria pegar os pretos! (risos) Aí, eu falei, mãe, é muito estranho né... eu pareço que tenho toque... eu gosto de tudo... nesse negócio do pregador, ai eu falei com ela assim que eu não queria os outros pretos porque era tipo... (risos)... do mal... tem nada a ver não, mas... eu só queria só os brancos... ai ela: "é meninas, sua preconceituosa!"

P: isso foi recentemente?

Lety: sim

Todas riem

P: e você acha que teve esse insight assim do preto e do branco porque tem falado disso aqui?

Lety: não

P: não né...

Rafmaf: quer ver um exemplo? Seu celular é preto ou é branco?

P: o meu... acho que é preto

Bia: porque tem gente que prefere o branco... acha mais bonito

Rafmaf; mas o branco encarde

P: ah, mas o meu foi herdado... eu não comprei, eu não escolhi o meu

Bia: porque o branco parece mais atraente, mais bonito, mais limpo

D: isso é verdade, quando escolhi meu celular não escolhi branco porque encarde

P: agora vamos falar um pouquinho dos vídeos... vocês acham que os vídeos ajudaram a esclarecer, a vocês terem ideias? Vocês gostaram de assistir os vídeos? Conseguiram entender ou ficaram boiando? O que que aconteceu na hora do vídeo?

Rafmaf: eu até que entendi porque mostrava a imagem... não pensei muito na fala, mais nas imagens, principalmente dos Simpsons

P: você gostou?

Rafmaf: bastante, então, foi o que mais pegou

P: sim, e imagens relacionadas ao que vocês já tem discutido também, né... que ajudam a fazer sentido... E quem não prestou atenção, por que não prestou atenção?

DD: tava comendo... não prestei atenção no vídeo

P: se não fosse vídeo, se fosse algum outro tipo de texto, vocês acham que teriam prestado mais ou menos atenção?

DD: não, foi falta de interesse mesmo... não pelo fato de ser um vídeo. O vídeo é ate mais fácil de compreender mas, cheguei atrasada também, estava comendo... e não prestei atenção

P: uhum... ok, vocês concordam que o vídeo ajuda mais a aprender?

Lety: sim

Bia: sim

Rafmaf: o fato de ser em inglês deixa um pouco mais confuso, mas...

P: vocês acham que o trabalho poderia ter sido feito de outra forma? Pensando ainda nos vídeos, com os vídeos... poderia ter sido feito de outra forma, pra vocês entenderem melhor...

DD: acho que a solução melhor é essa mesmo

Bia: a gente também poderia fazer um vídeo, a gente mostrando o estereótipo brasileiro...

P: vocês vão fazer!!

Bia: o que? (risos)... Sério?

Rafmaf: Ela boia assim mesmo...

P: que isso, gente? Vocês vão fazer vídeos e trazer nos dias 14 e 16 de setembro

Bia: a gente falando?

P: sobre a questão...

Bia: eu não estava sabendo disso... pelo menos eu sei agora

P: isso, um dos propósitos dele ter trazido os vídeos hoje era mostrar pra vocês algumas ideias, alguns argumentos pra vocês colocarem no roteiro, na filmagem de vocês. Vocês estão animadas pro vídeo?

D: não...

Lety: não... eu tô meio perdida... não sei nem por onde vou começar...

DD: é, depois que acelera fica bom...

P: Mas já tem que ir pensando... semana que vem vocês não vão ter aula porque é feriado

DD: segundo o diretor do nosso vídeo, Daniel... ele esta por conta de tudo, ne...

P: mas vocês não podem esquecer de colocar a mensagem, qual vai ser a mensagem, o texto que vai estar no vídeo... alguma coisa relacionada aos estereótipos ou a preconceito... né? Querem falar mais alguma coisa?

Todas: não...

23/09/2015

Apresentação dos Vídeos

O professor chega as 7:10 (dez minutos atrasado) e ainda precisa ligar o equipamento e baixar os vídeos para seu notebook. O projetor não funciona e o professor precisa correr atrás de outros recursos para dar andamento à exibição dos vídeos. Alunos conversam e se dispersam. Apesar de conseguir outro equipamento, a imagem projetada é azul, distorcendo as imagens construídas pelos alunos. A aula não acontece.

28/09/2015

Nessa nova oportunidade para apresentação dos vídeos percebo que o professor demora a organizar a sala e os aparelhos necessários para exibi-los, o que, na minha opinião, poderia ter sido feito na aula anterior, que era uma janela do professor.

Alguns alunos não apresentam porque um dos componentes do grupo está ausente. Penso que a noção do trabalho em grupo precisa ser retomada e debatida entre professor e alunos e ser entendida como prática de responsabilidade.

Somente 15 alunos presentes!

O primeiro grupo, de 5 alunos, apresenta seu vídeo. A ideia é interessante, falam de bullying, mas não usam nada de inglês. E não debatem a questão, não a criticam, somente mostram.

O segundo grupo, da aluna Lety e suas companheiras não apresenta o vídeo porque não o fez!

O terceiro grupo, de 6 alunos, apresenta um bom argumento versando sobre “Expectativa x Realidade”, onde o estereotipo é apresentado como a expectativa. Usam pouco inglês, somente para os termos Expectation x Reality. Debatem a questão de forma implícita, mas parecem ter se engajado na tarefa.

ABL 23-11-2015

PR: Bom, eu acho que essa questão de tecnologia, ne, enfim, ela ajuda na linguagem do vídeo, dos meninos, porque isso faz parte da vida deles e por mais que eles reclamem e às vezes os grupos não consigam se organizar para conseguirem fazer um trabalho legal, mas assim, a turma 12 foi uma das turmas assim, que realmente, foram dois grupos que apresentaram o vídeo, e assim, acho que a questão do grupo não funcionou direito...

P: Foi a turma que menos rendeu?

PR: Acho que sim, as outras foram melhor...

P: engraçado, né... logo a turma em que estou presente...

PR: sim, a 10 rendeu bem, a 11 também... são turmas maiores, os grupos também foram maiores do que três, daquilo que eu tinha estipulado, mas eles conseguiram fazer coisas legais... alguns... o retorno de alguns foi bacana porque essa questão de estereotipo, é atual, né... enfim, essa coisa da diversidade, lidar com a diversidade é complicado, e eles assim pesquisaram e fizeram o tema de acordo com o que tinham vivido... é claro que alguns reproduziram, mas alguns foram originais, teve uns que eu achei muito legais... Então assim, eu acho que vale a pena, continuar, essa questão de ser pontual ou rotineira... eu acho que dá pra fazer nos três semestres né... então dá pra fazer uma coisa que eles sabem o que vão trabalhar, e até pra, enfim, essa primeira parte ou atividade de vídeo acho que é mais como exercício também, né, de como funciona as turmas, de trabalho em grupo...

P: Sim, foi uma experiência, né... uma primeira... acho que dela você pode aprimorar muita coisa, pode excluir outras, incluir outras questões no planejamento mesmo... na forma como... mas eu acho que foi uma experiência bem instigante...

PR: Sim! São coisas simples que eles precisam fazer e alguns entendem e conseguem fazer, outros não sei se é por falta de... alguns, claro, foi falta de interesse em fazer e outros assim, foi... às vezes não entendeu a questão da língua, né... alguns vídeos, no 12 inclusive, no grupo da Linda e tal eu dei a chance de fazer em inglês novamente e não sei se por esquecimento ou se "já fiz"... ou se porque o Luan que era o editor, já faz tempo que ele não vem, não sei se desistiu... enfim, se acomodaram nesse sentido, mas eu deixei claro que o inglês era fundamental pro vídeo, porque a disciplina é inglês, né...

P: sim

PR: então, assim, acho que talvez todas, não sei se todas as turmas, mas pelo menos um vídeo em cada turma não usou a língua, a linguagem que a gente queria que usasse... e outros usaram muito bem! No 2m9 eles usaram o tradutor do Google com áudio, ficou muito legal! Então, coisas que eles sabem usar e usaram com uma iniciativa legal! Isso eu achei bacana! A gente aprende também, né, com eles

P: Agora, essa intervenção essa atividade ela surgiu de uma situação bem atípica na sua pratica como um todo que foi a partir da visita dos americanos, a partir daquela conversa que vocês tiveram surgiu o tema dos estereótipos, e a gente usou esse tema pra planejar a intervenção. Pensando que era um tema bastante relevante que trata de diversidade, que Tb esta muito presente na vida desses meninos... de todo mundo... Pensando que você tem o livro didático, você acha que a existência do livro didático pode favorecer ou pode atrapalhar o desenvolvimento de outras propostas similares a esta da intervenção?

PR: eu acho esse livro bem interessante, ele traz questões bacanas e eu acho que dá pra fazer uma conciliação entre o livro e por exemplo um vídeo, ou algo tecnológico... A partir talvez de um tema do livro, ne, então ele traz temas atuais, e acho que dá pra fazer um link entre um e outro.

P: É, porque a gente buscou os textos fora, na internet, eu mesma nem olhei pra ver se no livro tinha alguma atividade ou unidade que se relacionasse a esse conteúdo ou a essa temática do estereótipo... talvez até haveria...

PR: Que eu me lembre, especificamente sobre estereótipo eu não me lembro, mas sobre diferença, eles tratam em alguns aspectos ele trata dessa questão...

P: porque eu acho que se o livro esta aqui, eu acho interessante continuar usando o material, é um material que você particularmente gosta e a partir dai você faz os incrementos ou as opções mesmo, deixar de trabalhar algumas atividades ou unidades especifica para inserir esse trabalho que transcenda o livro, que é mesmo da produção, que trabalhe com as habilidades de autoria muito presentes fora da escola, a questão as mídias sociais, dos novos tipos de linguagem e de escrita que o livro talvez ainda não de conta, né....

PR: sim, sim

P: não explore... acho que você pode talvez pensar nesse trabalho da linguagem heterogênea, hibrida, múltipla, dos múltiplos modos de linguagem e de construção de sentidos trazendo sempre, ou na medida do possível, esse componente da intervenção... que foi a escrita ou a produção de um material que transcendesse ou que saísse daquela concepção da linguagem

oral x escrita, da visão tradicional de língua como um sistema estático... e quando você trabalha com o vídeo e a multimodalidade e com o hibridismo da linguagem nessas formas múltiplas você esta agregando valor ao material, eu acho...

PR: É... ele fala muito sobre blogging, podcasting... então da pra usar o que o livro mesmo sugere com os meninos...

P: Sim, uma coisa que hoje é fato e que a realidade e o meio virtual trazem é a aprender fazendo, o que se chama de epistemologia da performance, ninguém lê um manual de como fazer um vídeo na internet antes de tentar fazê-lo, as pessoas aprendem no passo a passo, manipulando e colocando a mão na massa. Isso é uma forma de aprender e de construir conhecimento dessa época... Você não falou "gente, vamos estudar um editor de vídeo"... não... eles tiveram que se virar pra chegar nesse nível e trabalhar com o vídeo, o que não é nenhum bicho de sete cabeças... Agora, falar de digitalidade ou de letramento digital como somente um componente das práticas tem sido muito questionado... Não é só pesquisar, ou ir ao laboratório realizar a pesquisa, mas sim trabalhar o letramento digital como uma teoria, um princípio ou epistemologia que faça a engrenagem do processo de ensino-aprendizagem se mover. Então, eu acho que por isso a ideia de colocá-los pra fazer alguma coisa, e essa noção de letramento digital é mesmo a digitalidade como epistemologia, como base e principio fundador das praticas de aprender de hoje em dia, que é totalmente lógico, né...

P:... o trabalho com a língua, eu fico pensando que a gente trabalhou pouco com a língua de maneira explicita... Não é?

PR: sim, ficou mais como...

P: o inglês ele foi trabalhado implicitamente, pela leitura... talvez por isso a dificuldade deles de inserirem o inglês... O trabalho com o tradutor também, a gente não conseguiu fazer do jeito que havíamos idealizado...

PR: É... a tecnologia ajuda mas se você não tem, como no caso da escola, um aparato bem instalado, fica difícil, ne? Nem todo mundo tem acesso a internet, e enfim, isso de uma certa forma atrapalhou... a internet era lenta, o laboratório não ajudou... a gente teve que fazer um plano B... então assim, depender sempre da tecnologia, é claro, da sua infraestrutura é complicado... mesmo a gente tendo falado para eles fazerem em casa, enfim... o inglês realmente ficou como algo mais secundário... o estereotipo ficou mais evidente, eles tiveram que pesquisar e o inglês ficou mais como um forma de pesquisar...

P: e como você acha que esse trabalho com a língua poderia ser feito, futuramente? Como você acha que pode dar mais ênfase a língua inglesa?

PR: É... bom, a LI esta muito presente para eles, seja no uso da internet, nas musicas... talvez trazer algo que realmente seja mais palpável pra eles... Porque falar de estereótipos em inglês não dá pra eles... enfim, a maioria não conseguiria, então eu teria que prejudicar a maioria... mas, talvez um trabalho com música, e abordar o estereótipo... enfim, um filme, um seriado...

P: ou um trabalho de leitura mesmo! Trazendo um texto da internet pra sala, imprime... tipo um aula de leitura mesmo... por mais monótona que ela possa parecer... talvez nem tanto assim dependendo da forma como você conseguir engajar esses alunos trabalhando mesmo habilidades de leitura que todos eles precisam, mesmo que não se leia mais tão linearmente, mas, os cognatos... Teve uma aula do livro que você estava falando do radio, e a proposta da atividade era trabalhar com habilidades de leitura e estratégias de leitura, se eu me lembro bem... você trabalhou com cognatos... esse trabalho é sempre pertinente, relevante. Agora, eu acho que pra produzir a gente pode diminuir um pouco as expectativas porque pra produção oral requer-se muito mais habilidades e competências e esforço... eu acho que o tipo de produção que a gente propôs estava bem ajustada para o nível dessa turma, dessas turmas... Eles poderiam formar frases... Um dos grupos usou palavras somente no vídeo mas que tinham sentido e tinham peso para o argumento que elas construíram no vídeo... As práticas "antigas" não precisam ser abandonadas... vale a pena resgatar esse trabalho... Com música, por exemplo, que é texto, é importante fazê-los ler a letra e construir sentidos...

P: A última questão era sobre o uso de tecnologia mas já falamos bem a respeito: vale a pena?

PR: Vale! Com certeza! Apesar de se ver que por mais que o currículo nos incentive a usar a gente vê que por parte do governo e de quem realmente elabora as políticas um retrocesso... a gente tinha internet ate a meio do ano...

P: na sala de aula?

PR: sim, nos andares a gente tinha wi-fi... enfim... isso as vezes desmotiva um pouco... são coisas que vão contra o bom trabalho... mas é claro que isso não vai nos fazer deixar de tentar fazer nosso trabalho... os professores tentam sair da caixa, mesmo sem a tecnologia dá pra fazer coisas legais

Registros das respostas aos questionários sobre Intervenção

Escreva sobre a atividade dos estereótipos e o trabalho de confecção do vídeo abordando os seguintes aspectos:

a. O que mais gostou e aprendeu
b. O que menos gostou e pode ser melhorado
c. Como você avalia o trabalho em grupo. Explique.
d. Como você avalia o seu trabalho individual?
e. O que você achou do trabalho com tecnologia (pesquisa, vídeo, tradutor)? Justifique.

Wendy (não apresentou o vídeo e nem trabalhou em sua confecção)

a. Aprendeu sobre alguns mitos e verdades sobre os americanos.
b. O que menos gostou foi não ter feito o trabalho pois o grupo não se organizou bem, deixando para a ultima hora.
c. O grupo era desorganizado, faltou comunicação.
d. Quem trabalha deveria poder fazer o trabalho individualmente. Trabalho em grupo deve sempre ser feito em sala de aula.
e. Muito interessante, aprende cada dia mais.

Leticia (Lety – não fez o vídeo)

a. Gostou de aprender sobre os estereótipos e diz que não é bom ser visto de maneira errada por outras culturas pois o Brasil não é somente Carnaval, futebol e mulheres seminuas.
b. Trabalho bem interessante mas "não fiz por falta de interesse mesmo"
c. Havia uma colega que queria fazer o vídeo mas eu realmente estava sem tempo.
d. Todos no grupo tiveram limitações por isso o vídeo não foi realizado.
e. Acharam complicado editar o vídeo, ninguém do grupo sabia.

Jessica (não fez o vídeo)

a. Não fez o vídeo mas aprendeu com o vídeo dos colegas que no mundo ha muito preconceito. Gostou dos vídeos dos colegas.

b. Gostou de tudo mas não gostou de não ter feito o vídeo porque “contar com as pessoas eh ruim”.
c. Gosta de trabalho em grupo mas critica colegas que não tem compromisso.
d. Não avaliou porque não fez.
e. Não fez.

Ingrid

a. Gostou porque foi diferente e divertido.
b. Não gostou do trabalho em grupo pela “irresponsabilidade e desorganização”
c. Avalia o trabalho em grupo como “horrível” pois não houve responsabilidade nenhuma, ninguém apareceu no dia da gravação. Suas ideias foram por agua abaixo.
d. Trabalho individual “perfeito, porque eu sempre tenho as melhores ideias”. Considera sua opinião muito valiosa para o grupo.
e. Não comenta o uso de tecnologia porque não fez uso dela diretamente, só apareceu no vídeo e mandou nos colegas. Deseja que o professor faça mais trabalhos assim.

Linda (Incrível)

a. Gostou do vídeo pois “mandou” nos colegas e eles obedeceram... Aprendeu que muitas vezes ela coloca um estereotipo em alguém e trata-a mal.
b. Não gostou de ter aparecido pouco no vídeo e de não ter conseguido fazer tudo o que queria e havia planejado pois muitos colegas do grupo não apareceram no dia da gravação.
c. Adora trabalhar em grupo pois acha divertido “outras ideias sempre é bom, embora a minha prevaleça”.
d. Avalia seu trabalho individual como “incrível” pois sempre tem ótimas ideias.
e. A parte da tecnologia foi deixada para o Luan – diz que editar o vídeo é difícil, mas o seu ficou aceitável.

Vanessa

a. Gostei da verdade ter sido exposta de maneira clara e objetiva. Aprendi que nem tudo que parece é exatamente o que é. E que sempre há algo por trás, bom ou ruim.

b. Nada do que foi mostrado desagradou. Tudo o que foi mostrado infelizmente faz parte da nossa realidade.
c. O que todos fizeram foi excelente, souberam escolher bem sobre o que falaram.
d. Participou bem mas não fez o trabalho final (vídeo).
e. Foi muito bom, "saímos da mesmice". Foi uma boa ideia.

Isabela

a. A ideia do trabalho foi boa, mas houve dificuldade na execução e na edição do vídeo "A pré-opinião em relação a outras pessoas só resulta em afastamento e faz com que fiquem tristes. O estereotipo não vale a pena! Afinal, uma das coisas que nos tornam iguais é que cada um tem as suas diferenças".
b. Dificuldade em editar o vídeo.
c. Trabalho em grupo é bom mas é preciso comprometimento de todos.
d. Seu trabalho dentro do grupo "não foi o melhor", mas ressalta que aprendeu com o trabalho, especialmente com o vídeo.
e. Dificuldades com o uso do editor de vídeo.

Cassio

a. Aprendeu que se deve julgar pessoas de outras origens sem conhecer a realidade e a cultura da pessoa.
b. Gostou de tudo no trabalho, foi bem feito e pôde ser claramente entendido.
c. Trabalho em grupo foi ótimo pois os participantes tem ótima convivência e sabem trabalhar juntos.
d. Trabalho individual também foi ótimo: "cada um fez a sua parte sem erros".
e. O uso de tecnologia facilita e agiliza tudo no trabalho.

Joao Paulo

a. Não gostou de nada. Aprendeu que "em qualquer coisa você encontra estereótipos".
b. Não gostou do tema, poderia ter sido um tema mais interessante já que o estereotipo pode ser encontrado em qualquer coisa.
c. Grupo desinteressado em fazer o trabalho.

d. Não se interessou pelo vídeo, só fez pesquisa na internet.
e. O trabalho com tecnologia foi bom pois mostrou onde se pode encontrar estereótipos.

Eduarda

a. Gostou dos vídeos apresentados, diferentes mas que tratavam do mesmo assunto, foram criativos. "Aprendi que mesmo sendo diferentes somos iguais"
b. Gostou de tudo.
c. Avalia bem os dois grupos que apresentaram mas não avalia o seu próprio grupo.
d. Não responde.
e. Não tem critica a fazer "as apresentações ficaram bem criativas".

Rayan

a. Gostou da integração da tecnologia no trabalho e reforçou o que já sabia sobre o tema.
b. A mobilidade do grupo foi ruim com relação a ideia do tema "poderíamos ter feito uma abordagem melhor".
c. Trabalho em grupo "fraco" pois "o transito de informações foi ruim devido a MINHA ausência em boa parte das aulas. Não tive boa comunicação".
d. Ausente do grupo, participando somente da montagem do vídeo devido a escassez de ideias e de bom material "não fiz uma montagem tão boa".
e. "ótima iniciativa" usar tecnologia: "facilita a montagem do trabalho e a comunicação, além de ser de maior conforto, uma vez que estamos familiarizados com isso. Entretanto, prefiro trabalhos digitados ou impressos".

Tamires

a. Gostou do tema pois aprendeu mais "sobre o que os americanos pensam".
b. Não gostou da pouca participação dos colegas em geral: "poderíamos ver a aprender muito mais se todos estiveram participado". "Intereçante" ver que nem tudo é o que parece ser.
c. "Geito divertido de fazer o trabalho pois podemos dividir nossas ideias". Bom para unir as pessoas.

d. Avalia sua participação como boa pois gosta de ajudar as pessoas e isso faz o trabalho mais divertido.
e. Não responde.

Suzana

a. Gostou mais de ver a capacidade dos alunos de elaborarem suas ideias de forma criativa.
b. Não gostou da falta de participação de alguns alunos. Para ela uma atividade "dinâmica" requer participação nas aulas e deveres.
c. Critica o trabalho em grupo pela pouca integração dos membros pela dificuldade de dialogo e de elaborar ideias discordantes.
d. Não se posiciona reflexivamente – aluna se esquiva da resposta "De maneira que há mais tempo pra pensar, porém, sempre falta uma outra opinião do complemento e da conclusão"
e. Avalia o trabalho com a tecnologia como interessante "se adaptando ao mundo da tecnologia".

Rafaela (Rafmaf)

a. Gostou mais de perceber que os estereótipos estão em tudo e que eh preciso banir esse tipo de pensamento.
b. O que menos gostou foi a forma como a tarefa foi encarada pelos colegas: queria que todos os grupos tivessem apresentado para ver o ponto de vista deles. O que pode ser melhorado eh a reponsabilidade e o professor cobrar mais.
c. Avalia o trabalho em grupo como bom, pois todos ajudam e pensam melhor acolhendo diversas opiniões.
d. Bom, parece que prefere fazer sozinha... "acho que quando faço a minha parte só, consigo fazer do meu jeito, do meu modo".
e. Muito bom, Gosta muito "dessa parte tecnológica. Consigo lidar melhor com ela do que com textos que tenho que apresentar".

Beatriz (Bia)

a. Gostou de ver os alunos se conscientizando de que “estereótipos são só estereótipos e não realidade”, varias coisas são apenas aparência.
b. Não gostou da forma como foi apresentado “poderia ter pequenas pecas de teatro improvisados” para ajudar na interação da turma
c. Trabalho em grupo é complicado porque sempre acaba “pesando para algum lado” – Divertido e diferente, em geral bom de fazer e ver.
d. Cada uma fez sua parte no trabalho, papeis bem distribuídos.
e. Muito bom de ver e fazer, muito divertido.

Maria Julia

a. Gostou do trabalho, do tem, de tudo.
b. Não tem nada que não tenha gostado.
c. Trabalho em grupo bem legal “me diverti”.
d. Conseguiu conquistar as metas do trabalho.
e. Legal e fácil de fazer.

Nicknames	Idade	Faz inglês?	Trabalha?	Sentido da escola	O que menos gosta	Aulas preferidas	Como participa
1. Bia (escreve bem)	16	n	n	1. Bia: Muito importante	A escola tem varias falhas e não é bem tratada pelo governo	Português, Física, geografia, Inglês	Trabalha em grupo conversando, le textos, faz comentários de vez em quando
2. Soldado (escreve bem)	16	n	n	2. Soldado: Importante, a base de tudo, para a racionalidade e a globalização, para as oportunidades	Não sabe	Geografia	Ouvindo, tirando duvidas e debatendo assuntos
3. Anita	15	n	n	Boa, pra ser alguei (sic) na vida e aprende (sic) mais. Gosta muito dos colegas.	Aulas chatas	Inglês	Discutindo textos e dando opiniões
4. Hermyone	16	S (wizard)	x	Base para uma vida melhor com melhores oportunidades de trabalho, dependendo do interesse do aluno. No meu caso, acho muito importante.	Não gosta das aulas, com exceção de algumas matérias, mas por parte dos professores.	Quimica	Ouvindo o professor e praticando/lendo sobre as matérias.
5. Suzana (escreve bem)	16	sim	sim	5. Suzana: Importante pois traz novos conhecimentos e contribui para a futuro (faculdade)	Conversas paralelas e pouca diversidade de atividades de pratica para o aprendizado	Biologia e Ingles	Tirando duvidas e dando ideias, dialogando com professores. Não gosta de trabalhar em grupos pois ha muitos alunos desinteressados
6. Panda (escreve bem)	18	sim	n	6. Panda: A escola é boa mas precisa exigir mais dos alunos	Falta de controle e de exigir mais dos alunos – não gosta da comida – falta de organizacao	Português e EF	Participa bastante, Dando opiniões
7. beta (escrita	18	n	n	7. Beta: Extremamente	Educação fraca por ter	Arte (se identifica),	Dando opiniões

razoável)				importante, ponte para o futuro – Gosta da liberdade da escola (“não tem muitas pessoas em cima cobrando, o aluno que tem que ter interesse, e isso é bom pq faz com que corremos mais atrás”)	muitos alunos	historia e portugues	
8. Karol (escrita fraca)	17	n	n	8. Karol: Bom para o conhecimento e vida social, gosta das oportunidades	Não ha cursos tecnicos	Historia	-
9. Nana (escrita razoável)	16	n	sim	9. Nana: Muito importante para ser alguem na vida	Educação do pais “escassa”	Matemática, inglês e Portugues	Ouvindo o professor e participando
10. Rosa	18	n	sim	10. Rosa: fundamental, instrui e traz conhecimento	Falta de organização da escola	Biologia	Se esforçando
11. Pinto	17	n	n	11. Pinto: Importante para ser ético, ter moral e cultura	Mais esportes na aula de EF	Historia, EF, Português	Ouvindo os professores, interagindo
12. Luan	16	n	s	12. Luan: Fundamental para formar cidadãos	“a escola deixa a desejar na dinâmica das aulas”	Física, Matemática, Biologia, Filosofia	Dando opiniões, trabalhando em grupo, lendo e discutindo textos, ouvindo o professor
13. Rafmaf (razoável)	16	n	N	13. Rafmaf: Importante	Novas atividades para os alunos aproveitarem mais a escola, educação mais reforçada, odeia provas	Português e fisica	Não participa muito
14. Rasta	15	n	s	14. Rasta: Boa	Poderia ser um pouco mais forçado	quimica	-
15. Mylfe	18	n	n	15. Mylife: Muito importante para ser “alguém” na vida	Escola muito desorganizada, educação “mediana”	Português, Historia e Geografia	Não participa ativamente, não gosta de se expor

16. Lety (escreve bem)	-	s	s	Apesar de achar a escola muito liberal, diz que a educação é boa, e que depende do aluno se interessar para aprender. Gosta muito quando "o professor esta realmente interessado em ensinar"	Escola muito liberal, deveria ser mais rígida e ter mais regras "a maioria dos alunos fazem o que querem". Se o aluno se interessar, com certeza vai aprender.	Inglês e Biologia	Não presta muita atenção ao professor de inglês. Em Biologia, presta atenção e trabalha em grupo
17. Maju (caligrafia ruim com alguns erros)	17	n	n	Muito importante pois aprende coisas diversas que levara para o resto da vida	A forma de ensino é meio fraca, poderíamos ser mais exigidos	EF	Participa de todas as formas "é a profissão que quero seguir"
18. Yuriilovato (escreve bem)	16	n	s	Diz ter uma boa aprendizagem pois "os professores se esforçam para fazer dinâmicas diferentes para melhor compreendermos os conteúdos". Gosta da interação entre alunos e professores	A gestão da escola é muito ruim, não faz nada para melhorar a escola	Historia, Inglês, Geografia, Sociologia e Português.	De forma geral, dando opiniões, discutindo, e em trabalhos em grupo
19. Barbie	15	n	n	A educação é boa pq nos ajuda a ter um conhecimento da língua inglesa	Não menciona	Bilogia e Inglês	Dando opiniões, tirando dúvidas, fazendo trabalhos

Nickname	Onde estuda inglês – o que gostaria de saber	Importância do ingles	temas	Participação as aulas de ingles
1. Bia	Na escola. Gostaria de saber falar	Língua sempre usada	musicas	Gostaria de participar mais
2. Soldado	Na ecola e em casa (de forma "avulsa"), pratica com estrangeiros e em jogos	Língua mundial globalizada, como se fosse uma segunda língua	Historia do idioma e dos países que o usam	Participa muito

3. Anita	escola	Língua universal	-	Participa muito
4. Hermy one	Cursinho, mas não pratica, somente ouve musicas	Para viajar e estudar fora	Não pensa em temas mas sugere que a gramática pode ser mais enfatizada	Pouco – a aula é muito dispersa
5. Suzana	Cursinho – gostaria de falar fluentemente	Para adquirir novos conhecimentos, para se "enturmar com pessoas diferenciadas"	Pronuncia, para alem do significado das palavras, tentar a comunicacao	Participa pouco por causa da falta de interesse da turma que acaba desanimando
6. Panda	Cursinho mas não pratica, não é fluente, queria saber falar	Para conseguir um emprego fora do pais	Não sabe	pouco
7. beta	Na escola é difícil estudar inglês. Usa nas redes sociais. Gostaria de aprender para poder viajar	Língua bastante usada no mundo	Não tem preferencia	Gostaria de participar mais
8. Karol	Nunca estudou e não tem interesse em aprender	Mais oportunidades de carreira fora do pais	nenhuma	Muito pouco
9. Nana	Gostaria de falar (mas tem a língua presa)	Muito usada na comunicação, como no futebol os juízes usam inglês para se comunicarem com jogadores de outros paises	Cultura dos EUA	Pouco, queria participar mais mas os alunos nao colaboram
10. Rosa	Nunca fez cursinho, mas gostaria de saber falar	Língua internacional e importante para o mercado de trabalho	-	Gostaria de participar mais
11. Pinto	Na escola, usa em jogos, gostaria de falar/aprender	Língua universal, precisa saber o básico para entrar no mercado de trabalho	Baseball, jogos eletrônicos e cultura	Gostaria de participar mais
12. Luan (escrita boa)	Na escola, desde a quarta serie. Gostaria de ter fluencia	"uma das línguas mais faladas no mundo", abrindo oportunidades de comunicacao	Informática, redes sociais, cultura inglesa	Pouco, nao gosta muito de falar (joga cartas nas aulas)
13.	Estuda mais em casa	Língua universal "e como	Países	Gostaria de participar mais pq ingles eh

Rafma f (Razoá vel)		pretendo viver uma vida de viagens" pretendo aprender inglês para aproveitar a vida	estrangeiros, novas culturas e costumes	muito importante
14. Rasta	Gostaria de falar um pouco de tudo	Ir para outros países no futuro	outros paises	Pouco pois "às vezes fico desorientado sobre a aula"
15. Mylife	Sabe "pouquíssimas coisas", mas gostaria de falar fluentemente	Quer viajar pelo mundo	Não sabe	pouco
16. Lety	Estuda em cursinho, sabe o básico e queria se aprofundar	Língua internacional e para trabalhar em empresas às vezes é preciso falar	Gostaria de aulas mais dinamicas	Pouco. Participa mais no cursinho.
17. Maju	Nunca estudou em cursinho, mas diz já ter aprendido bastante. Usa para entender letras de musica	Língua principal para o dialogo entre pessoas de países diferentes	Gosta dos temas que são tratados pelo livro e pelo professor	Bastante "sempre tento tirar minhas duvidas"
18. Yuriilo vato	Gostaria de aprender a entender musicas e fimes. Poucas experiências com o uso	Língua mais falada	Musicas e filmes por serem conteúdos possíveis de serem acessados 24 h	Participa de "forma perceptivel", mas poderia participar mais
19. Barbie	Estuda somente na escola. Aula interessante pois ajuda a comunicar com a prima	Língua Universal	Gostaria de falar de assuntos de outros países que falam inglês, não somente dos EUA	Participa muito mas gostaria de falar mais em ingles para perder a vergonha